



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS – UFNT
CÂMPUS ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA – PPGLLIT**

CARLOS JÔNATAS DIAS NEGRÃO FILHO

**ATTITUDES LINGUÍSTICAS E A SITUAÇÃO
SOCIOLINGUÍSTICA DO POVO ANAMBÉ EM MOJU-PARÁ.**

**ARAGUAÍNA/TO
2023**

CARLOS JÔNATAS DIAS NEGRÃO FILHO

**ATTITUDES LINGUÍSTICAS E A SITUAÇÃO
SOCIOLINGUÍSTICA DO POVO ANAMBÉ EM MOJU-PARÁ.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura – PPGLIT, doutorado em Letras, da Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT, como requisito para obtenção do título de doutor.

Linha de pesquisa:

Teoria, análise linguística e diversidade cultural em contexto de formação.

Orientador:

Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque.

ARAGUAÍNA/TO
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

N385a Negrão Filho, Carlos Jônatas Dias .
Atitudes linguísticas e a situação sociolinguística do povo Anambé em Moju- Pará.. / Carlos Jônatas Dias Negrão Filho. – Araguaína, TO, 2023.
115 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Doutorado) em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2023.
Orientador: Francisco Edviges Albuquerque

1. Sociolinguística. 2. Língua indígena. 3. Revitalização de língua. 4. Situação linguística. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

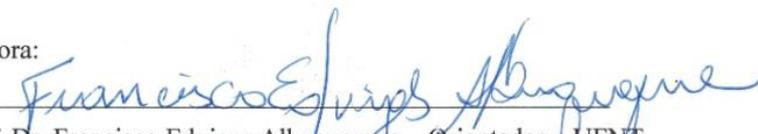
CARLOS JÔNATAS DIAS NEGRÃO FILHO

**ATTITUDES LINGUÍSTICAS E A SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DO POVO
ANAMBÉ EM MOJU-PARÁ.**

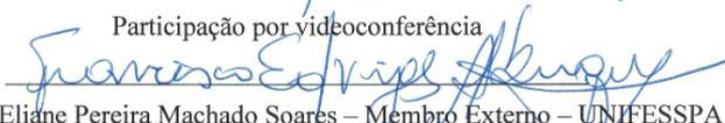
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura – PPGLIT. Foi avaliada no processo de defesa em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação: 14/04/2023

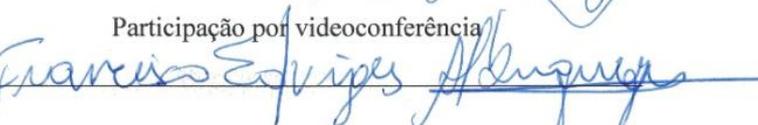
Banca examinadora:


Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque – Orientador – UFNT

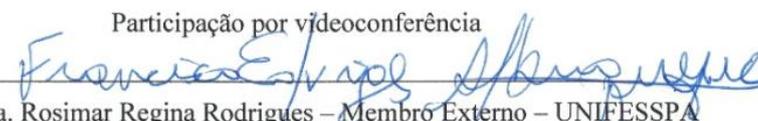
Participação por videoconferência


Profa. Dra. Eliane Pereira Machado Soares – Membro Externo – UNIFESSPA

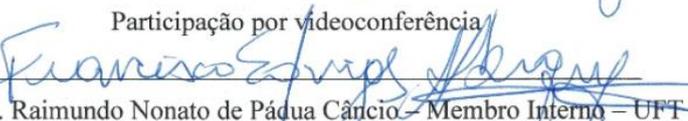
Participação por videoconferência


Profa. Dra. Eliane Cristina Testa – Membro Interno – UFNT

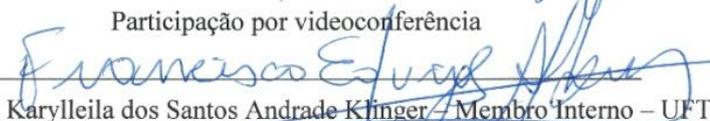
Participação por videoconferência


Profa. Dra. Rosimar Regina Rodrigues – Membro Externo – UNIFESSPA

Participação por videoconferência


Prof. Dr. Raimundo Nonato de Pádua Cânciao – Membro Interno – UFT

Participação por videoconferência


Profa. Dra. Karylleila dos Santos Andrade Klinger – Membro Interno – UFT

Participação por videoconferência

Araguaína/TO

2023

Dedico este trabalho ao povo Anambé em especial a indígena Tapira Anambé pelo acolhimento e pelos ensinamentos a respeito de seu povo e de seus ancestrais.

AGRADECIMENTOS

Ao povo Anambé, que possibilitou a realização deste trabalho, participando da pesquisa e respondendo aos questionários. A professora Júlia Anambé, pela receptividade e acolhida.

Ao Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque, pelas orientações e ensinamentos repassados durante essa trajetória de doutoramento. Minha eterna gratidão pelo carinho e confiança depositados em mim. Muito obrigado, meu querido amigo e orientador!

Aos professores, Dra. Eliane Pereira Machado Soares, Dra. Rosimar Regina Rodrigues, Dr. Raimundo Nonato de Pádua Cândia, Dra. Karylleila dos Santos Andrade pelas excelentes contribuições na construção e avaliação deste trabalho.

Aos meus pais, Carlos Jonatas e Suzette Negrão, por todo apoio, amor e por acreditarem **em** meus sonhos.

A minhas colegas Laís de Nazaré e Núbia Maire, pelos momentos vividos e vencidos durante as aulas no PPGLIT.

Aos funcionários da escola Aipã Anambé, pela acolhida e pela socialização dos saberes. A equipe da SEMED/Moju, em especial ao professor Helivelton Gomes, por colaborar para que essa pesquisa fosse realizada.

Ao Aloísio por sempre estar disposto a me ajudar todas as vezes que precisei.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a situação linguística do povo Anambé em Moju-Pará. O objetivo constitui em fazer o levantamento sociolinguístico, a partir da realidade do povo Anambé, verificando os usos e funções da língua materna nos diversos domínios sociais da comunidade, como contribuição para a manutenção e vitalização da Língua Anambé. Assim sendo, foi feito um levantamento sociolinguístico normal que descreveu e analisou os aspectos da situação sociolinguística desse povo. Foram observados a atitude e o conhecimento dos Anambé com relação às duas línguas, Anambé e Português, a facilidade linguística e os usos e funções das línguas de acordo com os domínios sociais. Pesquisa é do tipo etnográfica com abordagem metodológica quali-quantitativa. A análise foi realizada com base na pesquisa de campo, que teve como instrumentos a observação participante, o diário de campo e a aplicação de questionários, este último foi elaborado baseado em pesquisas de Fishman (1967, 1980), extraído de Draggio (1992) e de Muñoz (1991), os quais foram adaptados por Albuquerque (1999). Como fundamentação teórica, foram citados, dentre outros os, autores que trabalham com a Sociolinguística como Labov (1968), Bagno (1997), Bortoni-Ricardo (2002) e Albuquerque (1999). Os resultados apontam que a sociedade indígena Anambé necessita de uma vitalização linguística, pois o conflito linguístico intercultural em que se encontra os Anambé tem causado uma perda linguística. Espera-se que esse trabalho de levantamento da situação sociolinguística do povo Anambé possa contribuir para a vitalização da língua materna e da cultura do povo Anambé.

Palavras-chave: Povo Anambé. Situação Sociolinguística. Bilinguismo. Línguas e situação de uso.

RÉSUMÉ

Cet ouvrage présente une étude sur la situation linguistique du peuple Anambé à Moju-Pará. L'objectif est de réaliser une enquête sociolinguistique, basée sur la réalité du peuple Anambé, vérifiant les usages et les fonctions de la langue maternelle dans les différents domaines sociaux de la communauté, comme contribution au maintien et à la vitalisation de la Langue Anambé. Par conséquent, une enquête sociolinguistique normale a été réalisée qui a décrit et analysé les aspects de la situation sociolinguistique de ce peuple. L'attitude et les connaissances des Anambé par rapport aux deux langues, Anambé et Portugais, la facilité linguistique et les usages et fonctions des langues selon les domaines sociaux ont été observés. La recherche est ethnographique avec une approche méthodologique qualitative-quantitative. L'analyse a été réalisée sur la base d'une recherche sur le terrain, qui avait comme instruments l'observation participante, le journal de terrain et l'application de questionnaires, ce dernier a été préparé sur la base des recherches de Fishman (1967, 1980), extraites de Traggio (1992) et Muñoz (1991), qui ont été adaptés par Albuquerque (1999). Comme fondement théorique, des auteurs qui travaillent avec la sociolinguistique tels que Labov (1968), Bagno (1997), Bortoni-Ricardo (2002) et Albuquerque (1999) ont été cités, entre autres. Les résultats montrent que la société indigène Anambé a besoin d'une dynamisation linguistique, puisque le conflit linguistique interculturel dans lequel se trouve l'Anambé a causé une perte linguistique. On espère que cette enquête sur la situation sociolinguistique du peuple Anambé pourra contribuer à la dynamisation de la langue maternelle et de la culture du peuple Anambé.

Mots clés: peuple Anambé. Situation sociolinguistique. Bilinguisme. Langues et situation d'utilisation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Escola indígena Aipã Anambé.....	23
Figura 2 - Posto de saúde e campo de futebol.	23
Figura 3 - Sr ^a Tapira Anambé, guardiã da memória.....	24
Figura 4 - Moradia de uma família indígena Anambé.	24
Figura 5 - Escola indígena Aipã Anambé.....	27
Figura 6 - Escola indígena Aipã Anambé.....	27
Figura 7 - Júlia Anambé, professora indígena.....	28
Figura 8 - indígenas Anambé com pinturas e adornos.	32
Figura 9 - Wilson Anambé.	33
Figura 10 - Dança do caçador.....	34
Figura 11 - Campo de futebol e maloca.	35
Figura 12 - Localização de Anambé.....	37
Figura 13 - Entrada da cidade de Mocajuba.	38
Figura 14 - Estrada de acesso a Vila Elim.....	38
Figura 15 - Travessia para a aldeia Anambé.	39
Figura 16 - Placa de demarcação da aldeia Anambé.....	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - População pesquisada.....	54
Tabela 2 - Facilidade em entender uma conversação em Anambé.....	55
Tabela 3 - Facilidade em entender uma conversação em Anambé.....	55
Tabela 4 - Facilidade em falar a língua Anambé.....	56
Tabela 5 - Facilidade em falar a língua Anambé.....	56
Tabela 6 - Facilidade em ler Anambé.....	57
Tabela 7 - Facilidade em ler Anambé.....	58
Tabela 8 - Facilidade em escrever em língua Anambé.....	59
Tabela 9 - Facilidade em escrever em língua Anambé.....	59
Tabela 10 - Facilidade em entender uma conversação em Língua Portuguesa	61
Tabela 11 - Facilidade em entender uma conversação em Língua Portuguesa	61
Tabela 12 - Facilidade em falar em Língua Portuguesa.	62
Tabela 13 - Facilidade em falar em Língua Portuguesa.	62
Tabela 14 - Facilidade em ler em Língua Portuguesa.	63
Tabela 15 - Facilidade em ler em Língua Portuguesa.	63
Tabela 16 - Facilidade em escrever em Língua Portuguesa.	64
Tabela 17 - Facilidade em escrever em Língua Portuguesa.	65
Tabela 18 - Língua mais fácil de aprender.	66
Tabela 19 - Língua mais fácil de aprender.	66
Tabela 20 - Primeira língua adquirida na infância.....	68
Tabela 21 - Primeira língua adquirida na infância.....	68
Tabela 22 - Língua usada em casa para falar com adultos.	69
Tabela 23 - Língua usada em casa para falar com adultos.	69
Tabela 24 - Língua fala com mais facilidade.....	70
Tabela 25 - Língua fala com mais facilidade.....	70
Tabela 26 - Língua usada em casa para falar com crianças.....	71
Tabela 27 - Língua usada em casa para falar com crianças.....	71
Tabela 28 - Língua usada em casa para escrever.....	72
Tabela 29 - Língua usada em casa para escrever.....	73
Tabela 30 - Língua usada no trabalho para falar com os colegas.	73
Tabela 31 - Língua usada no trabalho para falar com os colegas.	74
Tabela 32 - Língua falada com as pessoas da mesma idade na vizinhança.....	75
Tabela 33 - Língua falada com as pessoas da mesma idade na vizinhança.....	75

Tabela 34 - Língua usada nas religiosidades em casa.	76
Tabela 35 - Língua usada nas religiosidades em casa.	76
Tabela 36 - Língua usada quando vai à igreja.	77
Tabela 37 - Língua usada quando vai à igreja.	77
Tabela 38 - Língua usada nas cerimônias da aldeia.	78
Tabela 39 - Língua usada nas cerimônias da aldeia.	78
Tabela 40 - Língua usada no trabalho para falar com o chefe.	79
Tabela 41 - Língua usada no trabalho para falar com o chefe.	80
Tabela 42 - Língua falada com mais frequência entre as crianças.	81
Tabela 43 - Língua falada com mais frequência entre as crianças.	81
Tabela 44 - Língua falada com mais frequência entre os velhos.	82
Tabela 45 - Língua falada com mais frequência entre os velhos.	82
Tabela 46 - Língua usada para o comércio.	83
Tabela 47 - Língua usada para o comércio.	83
Tabela 48 - Língua mais bonita.	85
Tabela 49 - Língua mais bonita.	85
Tabela 50 - Língua usada quando está bravo.	86
Tabela 51 - Língua usada quando está bravo.	86
Tabela 52 - Língua que deve ser ensinada na escola.	87
Tabela 53 - Língua que deve ser ensinada na escola.	87
Tabela 54 - Língua mais importante.	88
Tabela 55 - Língua preferida para leitura.	89
Tabela 56 - Língua preferida para leitura.	90
Tabela 57 - Língua preferida para escrita.	91
Tabela 58 - Língua preferida para escrita.	91
Tabela 59 - Língua falada com as pessoas das outras aldeias.	92
Tabela 60 - Língua falada com as pessoas das outras aldeias.	93
Tabela 61 - Língua usada quando vai ao posto de saúde.	93
Tabela 62 - Língua usada quando vai ao posto de saúde.	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Aldeia Anambé	22
Quadro 2 - Evolução da população Anambé no rio Cairari	25
Quadro 3 - Quadro de distribuição de alunos por série da Escola Aipã Anambé, no ano 2022.	29
Quadro 4 - Quadro do corpo docente da Escola Aipã Anambé em 2022.	29
Quadro 5 - IHA KÃÃPÓ.....	36
Quadro 6 - TUKÃDY	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
COIAB	Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira.
CNE	Conselho Nacional de Educação.
CNEEI	Comissão Nacional de Educação Escolar Indígena.
CNS	Conselho Nacional de Saúde.
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental.
EJA	Educação de Jovens e Adultos.
FAPESPA	Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Pará.
FUNAI	Fundação Nacional do Índio.
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde.
LALI	Laboratório de Línguas Indígenas.
LDB	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional.
MEC	Ministério da Educação.
ONU	Organização das Nações Unidas.
RCNEI	Referencial Curricular Nacional de Educação Indígena.
SEDUC	Secretaria Estadual de Educação.
SEMED	Secretaria Municipal de Educação.
SIL	Summer Institut of Linguistics.
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins.
UFPA	Universidade Federal do Pará.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. CAPÍTULO 1: ASPECTOS HISTÓRICOS E REALIDADE LINGUÍSTICA DO POVO ANAMBÉ.....	19
1.1 O povo Anambé.....	19
1.2 Situação atual do povo Anambé	21
1.3 Sobre a demografia Anambé.....	25
1.4 Situação Escolar Anambé.....	25
1.5 Práticas religiosas dos Anambés.....	30
1.6 Modos de viver Anambé: cantos e danças	33
1.6.1 A língua Anambé	36
1.7 Percurso para se chegar à aldeia	37
2. CAPÍTULO 2: BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS.....	41
2.1 Sociolinguística com bases teóricas em estudos linguísticos: breves considerações.	41
2.2 Bilinguismo	43
2.3 Desaparecimento de línguas.....	45
2.4 Metodologia	48
3. ASPECTOS DA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DOS ANAMBÉ	52
3.1 Introdução	52
3.2 Facilidade Linguística em língua materna Anambé	54
3.3 Facilidade linguística em Língua Portuguesa.....	60
3.4 Uso da língua e domínios sociais.....	67
3.5 Levantamento formal da receptividade de língua portuguesa	84
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	96
ANEXO.....	112
Anexo A - Questionário de proficiência e uso da língua.....	112

INTRODUÇÃO

A educação para os povos indígenas brasileiros é contemplada na Constituição Federal do Brasil (1988) que dedica os Art. 219, 215, 231 e 232 aos indígenas reconhecendo aos povos nativos sua organização social, costumes, línguas, crenças, direitos e tradições. A década de 1990 veio consolidar tais dispositivos, quando foi promulgado o Decreto Presidencial nº 26 de 04 de fevereiro de 1991, que deu ao MEC a função de integrar a educação escolar indígena ao sistema de ensino regular e coordenar as ações referentes a essas escolas em todos os níveis, tarefa está, que nas três décadas anteriores foi atribuída a Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Por ser multiétnico e multilíngue, o Brasil apresenta uma grande diversidade linguística. Em relação à situação linguística, Rodrigues (1986) informa que além do Português, sendo 180 línguas indígenas eram faladas regularmente por milhares de indivíduos bilíngues e até multilíngues. Recentemente, Rodrigues (2013) afirma que este número foi reduzido para aproximadamente 170 línguas.

Quantas, exatamente, não sabemos, “[...] não só porque até hoje não se incluem recenseamentos oficiais brasileiros informações linguísticas, nem informações sobre os povos indígenas, mas também porque são coisas muito difíceis de contar, mesmo quando são bem conhecidas” (RODRIGUES, 2013, p.18). Para o autor, as línguas naturais faladas em todo o planeta, não são apenas instrumentos de comunicação social, mas também os meios que dispõem as pessoas para elaborar, codificar e conservar seu conhecimento do mundo.

Em nosso trabalho, analisamos e discutimos a situação sociolinguística, do povo Anambé em Moju-Pará, evidenciando uma educação intercultural específica e diferenciada.

O objetivo principal do nosso trabalho é verificar, a situação sociolinguística, o uso da língua indígena Anambé e do Português nos diversos domínios sociais da comunidade, as contribuições pedagógicas para a educação escolar indígena, assim como o modelo de bilinguismo adotado por eles, discutindo sua contribuição para a manutenção e vitalização da Língua Anambé. Propomos, também, descrever e analisar a situação sociolinguística dos Anambé, observado a facilidade linguística em Língua Anambé e em Língua Portuguesa, bem como o uso dessas línguas de acordo com os domínios sociais e a receptividade da Língua Portuguesa pelos falantes da Língua Anambé.

Pretendemos, com o nosso trabalho, contribuir com a educação escolar Anambé de maneira que os professores conheçam a situação sociolinguística desse povo e, dessa forma, promovam ações de manutenção e vitalização da língua Anambé em todos os domínios sociais.

Assim, esses professores poderão proporcionar ao povo Anambé uma educação bilíngue que valoriza a língua, a cultura e contemple as necessidades desse povo.

O referencial teórico desse trabalho traz autores da área da sociolinguística, como Labov (1968, 1983, 1994, 1995), Weinreich (1953, 1968), Herzog (1968), Bagno (1997, 2002, 2004, 2007), Bortoni-Ricardo (2002, 2004, 2005), Tarallo (1997) e Albuquerque (1999, 2007, 2008). Como embasamento teórico, no que diz respeito ao Bilinguismo, destacamos os autores Mackey (1968) Fishman (1967), Grosjean (1982), Weinreich (1953), Ferguson (1959), Almeida e Albuquerque (2011) e Maher (2005). E para o levantamento, descrição e análise de dados, os estudos de Fishman (1967, 1980), Braggio (1992), Triviños (1987), Albuquerque (1999, 2008), Angrosino (2009) e Marconi e Lakatos (2007) serviram de subsídios.

Organizamo-nos e nos planejamos em nossas idas à aldeia Anambé, aplicamos um questionário sociolinguístico, participamos de algumas aulas na escola, das festas tradicionais, reuniões religiosas e outras atividades do cotidiano desse povo, para assim, fazermos as análises dos dados de forma quali-quantitativa, com base na pesquisa de campo, e teve como instrumentos a observação participante, questionários e o diário de campo. Com isso, foi possível observar fatores sociolinguísticos e fazer o levantamento da situação sociolinguística do povo Anambé.

A estrutura desta tese é composta por três capítulos. No primeiro capítulo retratamos o povo Anambé, sua cultura, sua língua e religião, buscamos fazer algumas considerações sobre os aspectos históricos que refletem hoje na situação sociolinguística desse povo. Fazemos também um pequeno histórico do contato dos indígenas Anambé com a sociedade majoritária.

No segundo capítulo dedicamos a descrição das bases teóricas e metodológicas que nortearam essa tese. Tendo com base os estudos descreveremos as bases teóricas e metodológicas de nossa pesquisa. A teoria de Sociolinguística conduziu nosso trabalho, contribuindo para que os resultados pudessem reproduzir de forma mais próxima da realidade a situação sociolinguística da aldeia Anambé. A Sociolinguística como fundamentação teórica nos possibilitou compreender melhor as relações existentes entre a sociedade e sistema linguístico, bem como as pressões sofridas por estes viabilizando assim uma análise da situação sociolinguística desse povo, dessa forma, pudemos apresentar resultados que refletem a realidade do comportamento sociolinguístico do povo Anambé nos diversos domínios sociais da aldeia.

Expusemos, também, conceitos sobre o Bilinguismo e aquisição de segunda língua para podermos compreender a real situação linguística do povo Anambé.

Como abordagem metodológica, adotamos também a pesquisa quali-quantitativa por entendermos que por meio delas é possível garantir a confiabilidade dos dados da pesquisa. Para essa pesquisa optamos, ainda, pelo tipo etnográfico como forma de descrever os aspectos sociais e os elementos da cultura e língua do povo Anambé. A fundamentação teórica e metodológica que deu sustentação ao nosso trabalho está centrada em autores que realizaram pesquisa sobre a Sociolinguística, como Labov (1968,1983,1994,1995), Weinreich (1953,1968) Herzog (1968), Bagno (1997, 2002, 2004, 2007), Bortoni-Ricardo (2002, 2004, 2005), Tarallo (1997) e Albuquerque (1999, 2007, 2008). Ao que concerne os conceitos teóricos sobre o Bilinguismo Machey (1968), Fishman (1967), Grosjean (1982), Weinreich (1953), Crystal (2000), Hill (1983).

No terceiro e último capítulo apresentamos a descrição e análise dos dados sobre a situação Sociolinguística dos Anambé, observando a facilidade linguística em língua Anambé e em língua portuguesa, nos diversos domínios sociais, esclarecendo quando, como, onde e por que esses falantes usam a língua indígena ou a portuguesa.

Pretendemos, com nossa pesquisa contribuir para a manutenção da língua materna do povo Anambé. A análise dos dados foi baseada em estudos Sociolinguísticos, fato este que possibilitou compreender melhor a relação existente entre a língua portuguesa e a língua indígena. Enfocamos, também, as preferências linguísticas, os usos e funções dessas línguas de acordo com os domínios sociais dentro das aldeias e em diferentes interações.

1. CAPÍTULO 1: ASPECTOS HISTÓRICOS E REALIDADE LINGUÍSTICA DO POVO ANAMBÉ

Neste capítulo, apresentamos a sociedade Anambé, seus aspectos históricos, linguísticos e culturais. Faremos também algumas considerações acerca da história de contato dos indígenas Anambé com a sociedade brasileira, para então compreendermos as consequências do contato para a realidade desse povo. Por último apresentamos um breve cenário da aldeia Anambé e os caminhos percorridos para se chegar à aldeia.

1.1 O povo Anambé

Há vários estudos sobre a história indígena no Brasil, os quais ressaltam as relações conflitantes que se estabeleceram entre as múltiplas comunidades indígenas por espaço territorial ou o mesmo por busca de subjugação da comunidade rival, como um processo normal entre as várias sociedades estabelecidas no território brasileiro “pré-descobrimento”, embora não tivessem o propósito de lucratividade econômica mercantilista, mas sim um caráter cultural proveniente de guerras e crenças (CUNHA,

1992, p.24).

Como ponto de partida das análises sobre o estabelecimento de aldeias indígenas nas mais variadas regiões do Brasil, seguimos os estudos realizados por JULIÃO (1991, 1993), FIGUEIREDO (1983), ASSIS & NEVES (2013) e SILVA (2013), autores estes que analisaram como foi formada e constituída a comunidade indígena Anambé, no município de Moju, estado do Pará, com a finalidade de compreendermos as vivências nos dias atuais deste povo.

A formação da comunidade indígena Anambé se deu por um processo de pertencimento deste povo na área em que hoje está situada a aldeia indígena Anambé. Segundo Silva, o caminho percorrido pelos Anambé até o local atual se deu em decorrência do abandono da área onde esse povo se encontrava anteriormente, para se estabelecer nas terras localizadas às margens do rio Acará, no município de Moju (SILVA, 2013). Este autor relata a miscigenação do povo Anambé a partir da relação entre as etnias do povo Anambé com o povo Gavião (SILVA, 2013).

No processo de formação da comunidade Anambé no rio Moju, Brusque (1862), chama atenção para a guerra entre etnias, na ocasião indígenas antropófagos vieram fazer guerra com os Anambés, estes fugindo dos conflitos se retiraram para as cabeceiras do rio Cururuí, um afluente do rio Pacajá, formando a aldeia de Tauá, seus ancestrais empreenderam uma luta árdua para manutenção do território e sobrevivência junto a outro povo os Tembé, que se encontravam

em pequenas aldeias espalhadas nos estados do Pará e Maranhão. Assis & Neves afirmam que os Anambés tiveram parte do seu povo dizimado no conflito com o povo Tembé, e no processo de fuga se fixaram no rio Moju (ASSIS & NEVES, 2013).

Desta forma, os fatores que levaram o deslocamento dos Anambés foi o processo de guerra que eles traçaram contra os Tembé, no qual se locomoveram da região do rio Acará até chegarem ao rio Cairari, afluente do rio Moju onde vivem atualmente.

Sendo assim, a aldeia Anambé não é originária das terras do município de Moju pois surgiu de conflitos e embates, que forçaram que esses indígenas se embrenhassem mata adentro, percorrendo vários quilômetros até por fim constituírem a atual aldeia Anambé, esta que está situada no município de Moju. Segundo relatos da indígena Tapira Anambé, os Anambé sofreram com surtos de doenças, entre elas, destacam-se: o sarampo e a malária, o que fez com que muitos indígenas fossem dizimados.

Todavia, é importante ressaltar que não foram só as doenças que dizimaram alguns indígenas na região, outros fatores também se destacam como afirma Cunha,

é importante enfatizar que a falta de imunidade, devido ao seu isolamento, da população aborígine, não basta para explicar a mortandade, mesmo quando ela foi de origem patogênica. Outros fatores, tanto ecológicos quanto sociais, tais como altitude, clima (CUNHA 1992, p.13).

A partir dos relatos da indígena Tapira Anambé, foi informado que o povo indígena adentrava na mata para caçar e colher os frutos e com isso tiveram contatos com não indígenas, muito deles moradores de uma vila próxima chamada de vila Elim ocorrendo assim uma miscigenação, fato este evidente no relato da indígena Tapira Anambé:

Eu moro aqui desde que eu nasci, tinha muito indígena que morava ai pra cima (aponta com dedo), minha mãe contava que muito indígena pegaram febre, malária, muita doença e morreram, eles não queriam mais ficar aqui, eles eram brabo, ai veio uma pessoa dai do rumo da vila Elim, eles falavam do Santinho, esse que veio amansar eles, ele agradava at r amansar os índios brabos (rsrsrs), dava as coisas pra eles e a gente acabou ficando (Tapira Anambé, 83 anos. Entrevista realizada em 2022).

O relato de Tapira Anambé registra a presença de Inácio dos Santos que morava em um lugar chamado Cipoteua no Alto Cairari. O sr. Santinho, como era conhecido na região que convenceu os indígenas Anambés a se estabelecerem onde hoje estão situados. Segundo afirmam Assis & Neves, em 1944, Santinho teria levado ao conhecimento do Serviço de Proteção dos Índios – SPI em Belém, capital do Pará, a notícia da presença desses índios. Contudo, apenas um funcionário do órgão, de nome Expedido Arnaud, teria visitado três vezes esses indígenas, levando medicamentos, ferragens e redes (ASSIS & NEVES, 2013).

Informações coletadas no século XX, afirmam que na década de 1940 o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) iniciará as atividades voltadas para assistência dos Anambé especialmente por meio da Portaria nº1, de 24 de junho de 1940, que nomeou Lírio Arlindo do Vale para delegado do SPI no município de Moju.

Em 1941, o inspetor Barros de Vasconcelos enviou dois rádio-telegramas à Antônio Martins Viana, chefe da 2ª Seção do SPI, do Rio de Janeiro. O primeiro, datando de 8 de março de 1941, sugeriu a criação de quatro postos indígenas nos rios: Moju, Capim, Mapuera e Cururu. O segundo, datado em 11 de março de 1941, citava quais eram os grupos indígenas que se encontravam naqueles rios respectivamente: Anambé, os Tembé, os Apalai e os Munduruku.

Passados sete anos, no dia 25 de novembro de 1948, cinco indígenas Anambés, sendo o chefe indígena Simplício, Narciso e três mulheres, acompanhados do comissário do Cairari, Bernadino Inácio Santos e o lavrador Anacleto, vieram em busca de assistência no Serviço de Proteção aos Índios para a sua aldeia, que havia sido devastada por um incêndio. Após quatro dias, Expedito Arnaud viajou com destino ao Cairari levando roupas, ferramentas e medicamentos (ARNAUD, 1948).

Segundo Nimuendaju (1948), o termo “Anambé”, na língua geral é aplicado a um considerável número de espécies de pássaros da família *Cotingidae*. Em pesquisa de campo os indígenas confirmaram que o nome Anambé foi escolhido por indígenas antigos para representar o nome do seu povo.

O fato de constantes locomoções do povo Anambé, quer por doenças, quer por conflitos com outros povos, fez com que muitos estudiosos sobre os povos indígenas brasileiros, os considerassem extintos. Nessa perspectiva, Malcher (s.d. apud Gomes, 1997) considerou os Anambé praticamente extintos como grupo indígena. Afirmando assim, que os mesmos habitavam a margem esquerda do rio Acará, juntamente aos indígenas Tembé. Ressalta-se que Darcy Ribeiro (1996) não mencionou os Anambé em seu levantamento sobre os grupos indígenas do Brasil. Hoje sabemos que o povo indígena Anambé não foi extinto, apenas desapareceu da região que ocupava anteriormente, passando a habitar a margem direita do rio Tocantins na região do rio Cairari.

1.2 Situação atual do povo Anambé

A aldeia indígena Anambé é composta por 220 habitantes agrupados em 45 famílias distribuídas em casas com aproximadamente entre 8 a 13 pessoas, pois além dos filhos, é

comum viverem demais parentes como netos, sobrinhos, etc. Para uma melhor compreensão observa-se o quadro demonstrativo do setor de saúde municipal.

Quadro 1 - Aldeia Anambé

NÚCLEOS	Nº DE CASAS
Arara Anambé	04
Escola Aipã	07
Posto de saúde	10
Antônio Miarim	05
Ywã Anambé	06
Pedro Anambé	08
Marrir Anambé	05

Fonte: Posto de saúde da aldeia Anambé, 2022.

Como observamos na tabela, as 45 famílias que compõem a aldeia são distribuídas em núcleos familiares, tendo como referência a escola, o posto de saúde ou um morador antigo. Ressalta-se que o núcleo de Pedro Anambé, antigo cacique da aldeia, composto por 08 casas, fica um pouco mais distante dos núcleos do centro da aldeia onde estão situadas a escola, o posto de saúde e o campo de futebol.

A maioria dos núcleos não possuem fornecimento de água encanada ou água potável para beber e cozinhar, por isso os indígenas acabam utilizando a água do rio para suprir suas necessidades.

A seguir temos imagens da escola e do posto de saúde da aldeia, locais estes que compõe os centros de dois grandes núcleos do povo Anambé.

Figura 1 - Escola indígena Aipã Anambé



Fonte: acervo de pesquisa, Carlos Negrão, 2022.

Figura 2 - Posto de saúde e campo de futebol.



Fonte: acervo de pesquisa, Carlos Negrão, 2022.

Como observamos nas imagens, os núcleos familiares têm como ponto de referência os prédios públicos da aldeia ou a casa de um indígena idoso, com exceção da indígena Tapira Anambé, a qual mora fora da terra indígena, do outro lado do rio Cairari, desde que casou com um não indígena e embora a indígena seja viúva, ela recusa-se a deixar sua casa em razão das memórias e lembranças que guarda do esposo.

Figura 3 - Sr^a Tapira Anambé, guardiã da memória.



Fonte: acervo de pesquisa, Carlos Negrão, 2022.

As moradias dos indígenas Anambé vem passando por transformações em suas arquiteturas, pois antes as casas eram cobertas de palhas, de palmeiras (miriti) ou de cavaco (pedaços de madeiras em formato de telhas). As paredes eram construídas com palhas ou cascas de madeira e o piso era feito de vara ou de terra batida.

Atualmente as casas são construídas de madeira, geralmente divididas em dois cômodos: sala e cozinha, nesta fica acoplado o jirau (local onde são realizados os serviços domésticos).

Figura 4 - Moradia de uma família indígena Anambé.



Fonte: acervo de pesquisa, Carlos Negrão, 2022.

1.3 Sobre a demografia Anambé

Em decorrência das mortes causadas pelo sarampo, pelos conflitos entre povos e pelo casamento de mulheres indígenas com não indígenas, as quais saíram da terra indígena para morar com seus esposos, houve um decréscimo populacional. Esse decréscimo ocorreu principalmente entre o período de 1940 a 1984, conforme explicita a Tabela, elaborada por Ricardo (1985).

Na tabela observamos que no ano de 1940 a população somava 60 indígenas e no ano seguinte diminuiu para 32 indígenas. Em 1948 o número de indígenas permaneceu estável, já no ano de 1968 houve uma redução e no ano seguinte aumentou o índice populacional.

O fator que tem aumentado o número populacional nos últimos anos entre os Anambés é o fato que quando ocorrem os casamentos mistos (casamento de indígenas com não indígenas), os casais continuam na aldeia.

Quadro 2 - Evolução da população Anambé no rio Cairari

Ano	População	Fonte
1940	60	Figueiredo (1983)
1941	32	SPI (1941)
1948	32	Arnaud & Galvão (1969)
1968	19	Arnaud & Galvão (1969)
1969	22	Figueiredo (1983)
1973	29	Silva (1973)
1979	48	2º DR FUNAI (1979)
1983	61	CIMI NORTE II (1983)
1984	55	2º DR FUNAI (1984)

Fonte: Ricardo, 1985.

1.4 Situação Escolar Anambé

A situação escolar indígena Anambé, não tem acontecido de forma coerente que contemple os anseios dos indígenas.

Dessa forma, esses indígenas têm vivido um processo de perda de valores culturais e linguísticos de sua cultura. Braggio (1995. 155) em consonância a Coelho dos Santos (1975), aponta problemas em relação a educação escolar indígena até a década de 80:

Um dos mais contundentes problemas com relação à educação indígena é o de que o processo educacional utilizado nas comunidades indígenas é um dos principais veículos de dominação da sociedade majoritária, já que está sujeito a um sistema educacional concebido e inspirado por aquela sociedade, portanto carregado de seus valores ideológicos. (BRAGGIO 1995. 155).

Sendo assim, a escola não tem conseguido em sua totalidade promover a autonomia, causando assim o desinteresse e a evasão escolar.

A Escola Municipal de Ensino de Ensino Fundamental Aipã Anambé, foi criada no ano de 1988, na época a professora e responsável pela escola era a esposa do chefe do posto de saúde e as atividades pedagógicas eram centradas na leitura e na escrita (em língua portuguesa), no ensino da matemática e nos estudos sociais (JULIÃO, 1993).

Sendo que em 1989, a escola Aipã Anambé funcionava em três turnos, sendo: matutino com sete crianças na alfabetização; no vespertino com duas adolescentes que sabiam ler e escrever e no turno noturno com seis alunos jovens e adultos, dos quais um sabia ler e escrever (JULIÃO, 1993).

Como observamos, no início da criação da escola a procura pela educação escolar indígena ainda era muito baixa, pois o processo de alfabetização e o currículo escolar não primavam pela língua do povo Anambé, nem valorizavam a identidade do povo, fato este que fez com que houvessem resistência por parte dos indígenas.

No ano de 1992 a Secretaria Municipal de Educação de Moju, assumiu a responsabilidade da educação escolar indígena da escola Aipã Anambé, nome esse em homenagem ao antigo pajé da aldeia.

A escola passou então a ter dois prédios, um construído em madeira e outro em alvenaria.

Figura 5 - Escola indígena Aipã Anambé.



Fonte: acervo de pesquisa, Carlos Negrão, 2022.

Esse prédio possui uma sala de aula, dois banheiros, uma copa/cozinha e um espaço que funciona como alojamento aos professores não indígenas que moram na aldeia. Ao lado deste prédio há um outro prédio em alvenaria:

Figura 6 - Escola indígena Aipã Anambé.



Fonte: acervo de pesquisa, Carlos Negrão, 2022.

O prédio em alvenaria da Escola Aipã Anambé possui duas salas de aula climatizadas, uma secretaria e dois banheiros. É nesse prédio que acontecem as aulas e todas as atividades pedagógicas, o prédio possui energia elétrica, água encanada e um pequeno espaço (pátio). A indígena Júlia Graciete Lisboa Anambé (36 anos) exerce a função de professora responsável pela escola, sendo que mesmo sem formação superior completa, exerce as funções que seriam de uma diretora, coordenadora pedagógica e secretária escolar. Ressalta-se que durante a pesquisa foi observado o esforço que a professora responsável faz para o bom andamento das atividades escolares, muitas vezes tendo que se deslocar por quilômetros até a sede do município de Moju em busca de recursos e materiais para o bom andamento das atividades.

Figura 7 - Júlia Anambé, professora indígena.



Fonte: acervo de pesquisa, Carlos Negrão, 2022.

A escola da aldeia Anambé possui poucos materiais escritos na língua Anambé, as atividades escolares são realizadas majoritariamente em língua portuguesa por regência de professores não indígenas e somente nas sextas-feiras que as aulas são de cultura e língua Anambé com regência do professor indígena Wilson Anambé.

Nessas aulas de cultura Anambé são trabalhadas as danças, artesanato, as cantigas em língua Anambé.

Quadro 3 - Quadro de distribuição de alunos por série da Escola Aipã Anambé, no ano de 2022.

Turma Multissérie (1º, 2º e 3º ano)	13 alunos
Turma Multissérie (4º e 5º ano)	11 alunos
6º ano	10 alunos
7º ano	12 alunos
8º ano	14 alunos
9º ano	11 alunos
Total	71 alunos

Fonte: SEMED- Moju

Conforme o quadro de distribuição de alunos, a escola Aipã Anambé possui o total de 71 alunos matriculados e distribuídos em turmas multissérie (1º ao 5º ano) e nas séries finais do ensino fundamental na modalidade de ensino modular.

Quadro 4 - Quadro do corpo docente da Escola Aipã Anambé em 2022.

Série/Etapa	Prefeitura contrato		Prefeitura efetivo	
	Indígena	Não indígena	Indígena	Não indígena
Fundamental menor	01	01	–	–
Fundamental maior	09	01	–	–

Fonte: SEMED- Moju

De acordo com os dados observa-se que o número de professores indígenas que atua na Escola Aipã Anambé é bem menor do que o número de professores não indígenas, fato este que não tem colaborado significativamente para uma educação escola indígena de qualidade, que valorize a cultura e a língua do povo Anambé. Outro fator a ser ressaltado é que os

professores indígenas ainda não possuem formação superior, fato este que dificulta muitas vezes a teorização das práticas pedagógicas.

1.5 Práticas religiosas dos Anambés

Como registro da inserção do Cristianismo entre os Anambés, nos séculos XVIII e XIX. O jornal paraense “A Reforma”, publicado no dia 14/12/1872 afirmou que entre os Anambés existia um pajé chamado Manoel Branco.

O “Jornal do Brasil”, publicado no dia 07/01/1902, mostrou que os Anambés estavam fugindo do contato com os cristãos. Após trinta anos, “O Jornal”, publicado em 24/08/1932, registrou o batismo de 17 indígenas na catedral de Belém, tendo Magalhães Barata¹ como padrinho e que teria oferecido aos indígenas instrumentos agrários, roupas e medicamentos.

O jornal belenense “Correio da Manhã” publicado dia 07/09/1932, relatou o batismo de 18 indígenas Anambé, os quais receberam nomes escolhidos por não indígenas e que tiveram como padrinhos pessoas que na época eram destaques na sociedade paraense, o jornal relatou também que após a cerimônia foram distribuídos aos indígenas, alguns produtos como roupa, ferramentas, redes, tesouras, espelhos, medicamentos e pequenas quantias em dinheiro. Assim, a resistência que os Anambés tinham ao cristianismo foi reduzindo, pois os indígenas ficaram contentes com os presentes que traziam “melhorias” na qualidade de vida na aldeia.

Risoleta Julião (1993), abordou os procedimentos de cura a partir das lembranças de Juruti, uma das indígenas mais idosas, cujo pai era pajé. Esse durante os rituais de cura sugava os enfermos e usava um cigarro de folha de tauari quando falava, na língua Anambé, com o “pessoal dele”. Essas sessões de cura duravam quatro dias. Risoleta relatou que havia um tauarizeiro para onde os pajés se dirigiam em algumas noites, ao redor dessa árvore eles dançavam ao som de um tambor. A linguista apontou também que uma das indígenas mais idosas chamada Maria Belém lembrava os cantos de cura que tinha aprendido com sua avó, porém ela não sabia curar.

Arnaud e Galvão (1969, p.4) ao abordarem a religiosidade dos Anambé relatam que no momento “a presença da religião católica se fez sentir apenas por meio dos batismos que ocorriam fora da aldeia e que um pastor protestante tentou convertê-los e não alcançou êxito”.

¹ Joaquim de Magalhães Cardoso Barata foi nomeado interventor federal do estado do Pará em 1930 e exerceu o cargo até 1935. Ele tornou-se a maior liderança revolucionária desse período Magalhães Barata foi um dos militares paraenses que se destacaram nas revoltas de 1922 e 1924.

Por esse ângulo, Nelize Azevedo ² 2004 relata que os padres conduziam os Anambé ao batismo na igreja católica. A autora analisou o livro de registros de nascimento da FUNAI, que indicava que entre 1920 e 1930, havia a predominância de nomes indígenas, os registrados nos anos de 1950 a 1960 já apresentavam alguns nomes de origem não indígena. Já os indígenas registrados entre 1970 e 1990 receberam em sua maioria nomes não indígenas, sendo muitos desses nomes, nomes bíblicos. A partir de 1999, os Anambé voltaram a registrar os filhos com os nomes indígenas, geralmente com nomes de animais, frutas ou plantas da aldeia (AZEVEDO, 2004).

O cristianismo se tornou a maior prática religiosa entre os Anambé após o ano 2000, ano este da morte do pajé Aipã Anambé. A partir dessa data alguns Anambé passaram a frequentar a igreja católica na cidade de Mocajuba, na qual começaram a batizar os filhos e a participar de festividades como a festividade católica de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do município, enquanto outros indígenas Anambé começaram a frequentar regularmente as igrejas evangélicas vizinhas, principalmente os pentecostais (SILVA, 2013).

Foi após ao falecimento do único pajé da aldeia que as relações entre o cacique Pedro Anambé e o pastor da Vila Elim (vila mais próxima da aldeia) se estreitaram, bem como a partir daí que a MEIB (Missão Evangélica Índios do Brasil) se propagou pela aldeia, a MEIB instalou da primeira igreja evangélica entre os Anambé.

Segundo relato de alguns indígenas a permissão para instalação da igreja evangélica na aldeia se deu também como tentativa de diminuir os sérios problemas que muitos indígenas Anambé estavam enfrentando com o alcoolismo. Para eles as doutrinas e pregações religiosas resolveriam os problemas, sendo então uma alternativa para se livrarem do alcoolismo

Nós somos crentes, aceitamos Jesus, hoje em dia muitos não gostam, os mais jovens não querem, eles querem ser do mundo, andar pelas farras. (Marrir – anos, entrevista realizada em 2021)

Como observamos na fala do Sr. Marrir, o protestantismo se espalhou pela aldeia e se fixou como forma de resolução de um problema social, porém neste trabalho demonstraremos como a imposição de uma religião, com cantos, rituais e vivências em língua portuguesa não colaboram para a manutenção da língua Anambé. Bergamashi (2008) atenta para o fato de que processo de transformação do perfil cultural indígena a respeito da religião causa mudanças. Segundo esta autora, esse procedimento ocorre constantemente o que ocasiona uma

² Assistente social que escreveu uma dissertação de mestrado sobre a intervenção do serviço social junto às crianças e adolescentes Anambé.

transfiguração de sua identidade, mais persistindo como indígena, na manutenção de seus hábitos e cultura (BERGAMASHI, 2008).

Durante a pesquisa participei, a convite de alguns indígenas, de um culto celebrado na igreja Assembleia de Deus Madureira, ressalta-se que a igreja foi construída no espaço onde antes aconteciam os rituais do povo Anambé.

No culto evangélico os indígenas se reuniam para cantar e ouvir a pregação do pastor, o culto foi realizado todo em língua portuguesa. A igreja evangélica fez com que os Anambé que a frequentavam, passassem por mudança nas vestimentas e alguns até abandonaram a prática da pintura corporal, principalmente quando o pastor está na aldeia, já nos dias em que o pastor se ausenta alguns ressurgem as práticas das pinturas e dos adornos.

Podemos observar então que a implementação da igreja evangélica, junto a imposição de uma religião interferiram na cultura e na língua do povo Anambé de forma a ocasionar o apagamento e invertendo os traços culturais desse povo. Analisando ainda a atuação da igreja evangélica na aldeia Anambé, detectamos que as conversões dos indígenas inicialmente, relacionavam-se à assistência social prestada pelas igrejas, posteriormente, atrelaram-se à busca de cura de doenças, do alcoolismo, frutos de um etnocídio iniciado desde a colonização da região.

As igrejas evangélicas pentecostais solidificaram o apagamento da língua e cultura do povo Anambé, sendo estes obrigados a duvidarem, negarem e se envergonharem de quase tudo o que aprenderam com seus ancestrais, transformando não apenas a sua religião mas todo o seu modo de vida.

Figura 8 - indígenas Anambé com pinturas e adornos.



Fonte: acervo de pesquisa, Carlos Negrão, 2022.

Figura 9 - Wilson Anambé.



Fonte: acervo de pesquisa, Carlos Negrão, 2022.

Durante a pesquisa em campo, podemos verificar que muitas “mudanças” vêm ocorrendo desde a chegada e a implantação da igreja evangélica na aldeia, foto este que interfere na língua e na cultura dos Anambé. Como constatamos no relato da indígena Maria Anambé:

Depois que a igreja veio, muita coisa mudou. Era mais divertido, a gente jogava bola, dançava com as nossas músicas, agora os crentes não querem mais pois o pastor proibiu. A igreja quer proibir até coisa da nossa cultura... Até se pintar! Mas tem umas que se pintam, mas na hora de ir pra igreja tiram. (Maria Anambé, 30 anos. Entrevista realizada em 2022).

Como observamos, a igreja evangélica implantada na aldeia não tem contribuído para que a língua e a cultura do povo Anambé continuem viva.

1.6 Modos de viver Anambé: cantos e danças

A cultura dos Anambés é transmitida por meio das lembranças, experiências, saberes e práticas e essa transmissão é repassada pelos indígenas mais velhos. Os velhos, por meio da prática de narrar histórias, ensinam o que aprenderam com os seus ancestrais.

Uma das formas de fazer com que a cultura e a língua Anambé permaneçam é por meio das danças e cantos na língua Anambé.

A gente dançava muito, dia de sábado então ... Cada dia era em uma casa, em uma maloca, as casas eram compridas, era tudo na língua nossa. (Tapira Anambé, - anos. Entrevista realizada em 2022).

Geertz (2012), afirma que a cultura pode ser entendida como “um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais o homem comunica, [...] e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (GEERTZ, 2012, p.66). As danças para os Anambés apresentam vários significados, entre tais danças a favorita é a dança do caçador, nesta há um ritual que encena o ato de caçar, onde os indígenas em formato circular apontam pedaços de pau (madeira) ao centro do círculo e chamam os nomes dos bichos que caçam. A dança do caçador é realizada no campo de futebol da aldeia, ao lado do campo há uma pequena maloca aberta de palha, da qual são os homens batendo com uma vara no chão até que integrem ao círculo. O objetivo da dança é pedir ao Sagrado uma boa caçada.

Figura 10 - Dança do caçador.



Fonte: acervo de pesquisa, Carlos Negrão, 2022.

Figura 11 - Campo de futebol e maloca.



Fonte: acervo de pesquisa, Carlos Negrão, 2022.

Segundo Vergolino (1990), atualmente os Anambé se reúnem mais para a dança em datas especiais e entre tais danças as mais realizadas são: a dança do caçador, a dança da cobra, a dança do curandeiro, a dança do pescador, a dança da cutia e a dança da taoca.

A dança da cobra foi criada para homenagear o indígena Muiyhu, cujo nome significa sucuri, este já falecido era conhecido por sua força e a dança representa a força do povo Anambé.

A dança do curandeiro foi herdada pelas práticas xamanísticas de pajelança, eram danças que se originaram com a prática do pajé Aipã Anambé, como forma de afastar as doenças físicas e espirituais.

A dança do pescador é uma dança de agradecimento pela fartura na pesca, esta dança é realizada por homens, mulheres e pelas crianças Anambé, ao realizar a dança eles chamam o nome de todos os peixes existentes no rio Cairari.

A dança da taoca é uma dança mais de conhecimento corporal, a taoca é uma formiga grande muito comum na aldeia Anambé e ao entrar em contato com a pele humana ela causa coceiras. Nessa dança os indígenas fazem como se estivessem se coçando e falam os nomes das partes do corpo.

Assim como nas danças, os Anambés cantam envolvendo aspectos da natureza e esses cantos são repassados pelos indígenas mais velhos. Destacamos dois cantos do povo Anambé, o canto Iha Kããpó e o canto Tukãdy, respectivamente.

Quadro 5 - IHA KÃÃPÓ

IHA KÃÃPÓ	
ANAMBÉ	PORTUGUÊS
Iha Kããpó Tchapurahã Uneretã Ariwri.	Eu Índio Danço Alegre Com Meu Povo.
Inhu Nhemukitã, Kumaa Ilharady.	E Não Triste, Sou Feliz.
~	~
E Buairupá, Ihamamu Nenerekua.	Junto Com Meu Povo
Mamuneho Eduia Enutchana.	A Mata, Os Bicho São Riqueza
Uinhã Puhu Uinhã Awá Yawi Arapari	Eu Índio Danço Alegre Com Meu Povo

Fonte: Professor indígena Wilson Anambé.

Quadro 6 - TUKÃDY

TUKÃDY	
ANAMBÉ	PORTUGUÊS
Tukãdy Kurupirai Kairuby Maitatanã.	Tucandeira, Macaco, Cutia, Paca, Aranha,
Mui´I Ihãto´´Ó Iãdo Pomó Uhu.	Taoca, Cutia, Jabuti
Akuti Kararehu Yawti.	

Fonte: Professor indígena Wilson Anambé.

Sendo assim, o ato de cantar e dançar tem sido um grande instrumento de resistência e preservação para que a língua Anambé não seja uma língua extinta. As danças e cantos em referência ao se conhecer e aos elementos da natureza são formas de educar, de ensinar entre os Anambé, pois ensinar e aprender, conforme afirma Brandão.

“O ensinar e o aprender acontecem na celebração coletiva, quando as pessoas cantam, dançam e representam, assim como celebram, também, ensinam (BRANDÃO, 2006).

1.6.1 A língua Anambé

A língua Anambé faz parte da família Tupi guarani. A população de Anambé é de 200 habitantes, os quais habitam o alto curso do rio Cairari, na terra indígena Anambé no município

de Moju, no estado do Pará (SEDUC, 2005). No início da formação da aldeia no rio Cairari, os Anambé falavam a língua proveniente do tronco linguístico Tupi. Atualmente, só os mais velhos, que moram na aldeia, falam a língua indígena.

Poucos, hoje, ainda sabem falar a língua Anambé, os que sabem na maioria são idosos, outros sabem apenas algumas palavras e frases.

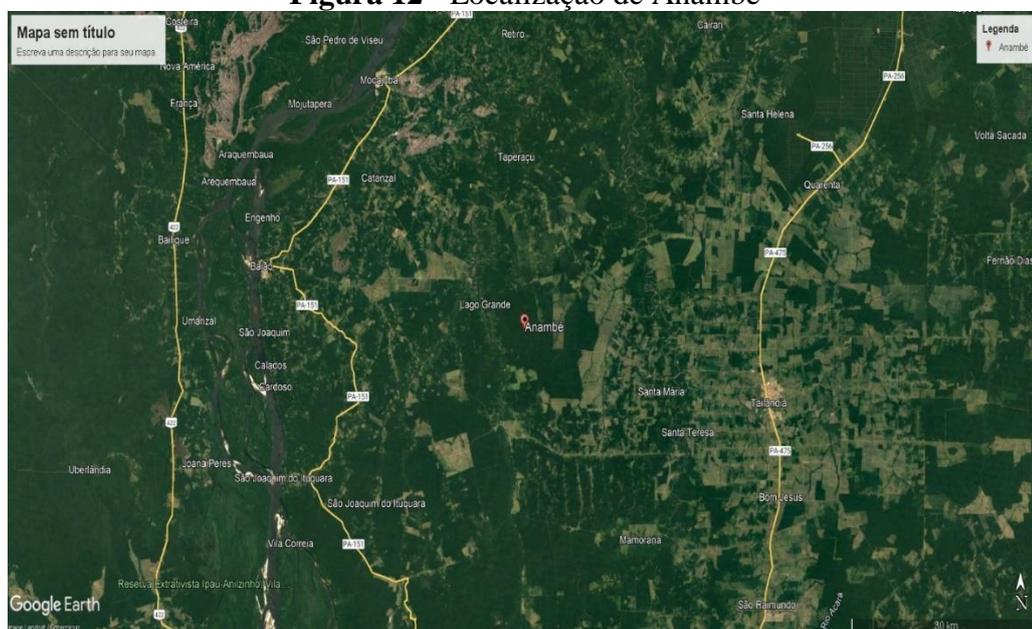
A vitalização da língua Anambé vem sendo trabalhada na escola Aipã Anambé, através das atividades da disciplina Cultura Indígena, que é ministrada pelo professor indígena Wilson Anambé.

1.7 Percurso para se chegar à aldeia

Saindo da sede do município de Moju-Pará, para chegar na aldeia Anambé viajamos por aproximadamente quatro horas até chegarmos na vila mais próxima da aldeia, a Vila Elim, o trajeto pode ser de barco ou por estradas (asfaltada e de terra).

Para nossa pesquisa de campo, as viagens foram feitas de carro particular até a Vila Elim, mas há a opção de se fazer o trajeto pegando um ônibus na feira da cidade de Mocajuba-Pará. O ônibus se desloca de Mocajuba à Vila Elim uma vez por dia no horário matutino, a viagem tem aproximadamente duas horas de duração, pois a estrada é de terra batida e durante o período de inverno apresenta algumas inundações.

Figura 12 - Localização de Anambé



Fonte: Google Maps (<https://goo.gl/maps/3vDtGEyyGmsyFNqz8>)

Figura 13 - Entrada da cidade de Mocajuba.



Fonte: acervo de pesquisa, Carlos Negrão, 2022.

Chegando em Mocajuba, entramos na estrada que dá acesso a Vila Elim (Moju-Pará), a estrada é de difícil acesso, pois não possui pavimentação e possui algumas pontes.

Figura 14 - Estrada de acesso a Vila Elim.



Fonte: acervo de pesquisa, Carlos Negrão, 2022.

Mesmo fazendo o trajeto da Vila Elim a aldeia usando uma motocicleta, para entrar nas terras da aldeia Anambé é necessário fazer a travessia do rio.

Figura 15 - Travessia para a aldeia Anambé.



Fonte: acervo de pesquisa, Carlos Negrão, 2022.

O acesso a aldeia Anambé, mesmo que a mesma esteja situada no município de Moju, fica muito mais viável pelo acesso na estrada de Mocajuba, porém durante o período do inverno amazônico, mais precisamente de janeiro a abril é impossível chegar a aldeia por vias terrestres devido às enchentes.

Figura 16 - Placa de demarcação da aldeia Anambé.



Fonte: acervo de pesquisa, Carlos Negrão, 2022.

Outro fator importante a ser ressaltado é que para entrar na aldeia, para se fazer pesquisas etc; é necessário ter autorização, pois há relatos de pessoas que foram fazer visitas ou pesquisas sem autorização e tiveram que retornar do meio do rio que dá acesso a aldeia.

2 CAPÍTULO 2: BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Neste segundo capítulo descreveremos as bases teóricas e metodológicas de nossa pesquisa. A teoria de Sociolinguística conduziu nosso trabalho, contribuindo para que os resultados pudessem reproduzir de forma mais próxima da realidade a situação sociolinguística da aldeia Anambé. A Sociolinguística como fundamentação teórica nos possibilitou compreender melhor as relações existentes entre a sociedade e sistema linguístico, bem como as pressões sofridas por estes viabilizando assim uma análise da situação sociolinguística desse povo, dessa forma, pudemos apresentar resultados que refletem a realidade do comportamento sociolinguístico do povo Anambé nos diversos domínios sociais da aldeia.

Expusemos, também, conceitos sobre o Bilinguismo e aquisição de segunda língua para podermos compreender a real situação linguística do povo Anambé.

Como abordagem metodológica, adotamos também a pesquisa quali-quantitativa por entendermos que por meio delas é possível garantir a confiabilidade dos dados da pesquisa. Para essa pesquisa optamos, ainda, pelo tipo etnográfico como forma de descrever os aspectos sociais e os elementos da cultura e língua do povo Anambé. A fundamentação teórica e metodológica que deu sustentação ao nosso trabalho está centrada em autores que realizaram pesquisa sobre a Sociolinguística, como Labov (1968,1983,1994,1995), Weinreich (1953,1968) Herzog (1968), Bagno (1997, 2002, 2004, 2007), Bortoni-Ricardo (2002, 2004, 2005), Tarallo (1997) e Albuquerque (1999, 2007, 2008). Ao que concerne os conceitos teóricos sobre o Bilinguismo Machey (1968), Fishman (1967), Grosjean (1982), Weinreich (1953), Crystal (2000), Hill (1983).

2.1 Sociolinguística com bases teóricas em estudos linguísticos: breves considerações.

Nos anos 60 nos Estados Unidos os estudos sociolinguísticos foram iniciados por William Labov. Posteriormente, Labov unido a Weinreich e Herzog (1968) intensificaram os estudos sobre a descrição da língua e suas categorias sociais e linguísticas. Esses pesquisadores estudaram visando compreender a ligação existente entre sociedade e língua. A relação Sociolinguística existente entre as variáveis sociais, gênero, idade, ocupação e comportamento linguístico de uma sociedade. Sendo assim um levantamento sociolinguístico fundamenta-se na ideia de sistema como um grupo de normas sociais.

A relação entre as classes sociais e a linguagem foram foco dos estudos desses autores, sendo que para eles, o uso de elementos de uma língua não é estabelecido pela comunidade

linguística, mas é determinado pelo conjunto de normas instituídas através do comportamento avaliativo e de modelos abstratos de variação.

Em nosso estudo é importante destacar o conceito de comunidade linguística, para que, posteriormente, possamos compreender melhor a análise Sociolinguística da comunidade indígena Anambé apresentada no capítulo 3 desta tese. Dessa forma, comunidade linguística, segundo Guy (2000, p.18) é uma comunidade que compartilha das mesmas características linguísticas, avaliações sociais e variedades linguísticas.

A definição de Sociolinguística não é considerada para alguns autores de fácil definição. Mollica (2003, p.9) diz que a Sociolinguística é “uma das subáreas da linguística que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”. Já Bright (1974, p.34) diz que por ser nova a Sociolinguística é um pouco difícil de ser conceituada. As autoras Mollica e Braga (2003, p.9) afirmam que a Sociolinguística se preocupa com a relevância social da língua, não somente das grandes comunidades, mas também, dos grupos minoritários.

A Sociolinguística, segundo Bortoni Ricardo, tem “três premissas máximas: o relativismo cultural; a heterogeneidade linguística inerente e a relação dialética entre a forma e a função linguística” (BORTONI, 2005, p.114). A respeito do relativismo cultural desmistifica a ideia de língua e cultura primitiva e inferiores, promovendo a igualdade de valores entre as línguas e as culturas. A homogeneidade linguística é um aspecto principal da Sociolinguística, na qual a variação linguística passa a ser vista como um processo natural de uma comunidade linguística. A relação dialética entre forma e a função linguística é a última premissa da Sociolinguística; nesta há um direcionamento dos estudos da língua para o uso e função e não mais para estrutura.

A respeito da Sociolinguística, Farraco (1991, p.60) aponta que Saussure (1986) considerava duas: a diacrônica e a sincrônica, segundo ele, os estudos Sociolinguísticos se dedicam à análise das mudanças ou variações linguísticas durante um determinado período de tempo. Já os estudos sincrônicos observam os aspectos sociais, estilísticos e regionais.

Somente a partir dos anos 70 que os estudos e trabalhos da Sociolinguística foram intensificados no Brasil. Temos como principais trabalhos os dos autores Bortoni Ricardo, (2005) e Marcos Bagno (2004) que são referências em trabalhos e pesquisa da Sociolinguística. Eles realizaram trabalhos e estudos sobre linguagem, comunicação oral e escrita levando em consideração as variações linguísticas, demonstrando por meio dos resultados de suas pesquisas, que o sistema linguístico de uma sociedade é que proporciona a interação e o contato entre seus falantes. Sobre esse fator Benveniste (1989) apud Alkmim (2003, p.27) afirma que a

língua tem o poder de transformar as pessoas em uma sociedade e que tem a função de promover a comunicação entre os falantes que são os membros da comunidade.

Conforme Bagno (2004), a Sociolinguística objetiva analisar a língua falada pelos sujeitos, levando em consideração o seu uso e a interação social dos falantes. Assim, os estudos sociolinguísticos têm como finalidade descrever e analisar os aspectos sociolinguísticos de uma determinada comunidade, buscando assim entender a relação existente entre esses aspectos e os falantes de sua língua nativa.

2.2 Bilinguismo

Foi por volta dos anos 70 que os estudos sobre bilinguismo foram criados e estima-se que o bilinguismo ocorra em todos os países do mundo e atinja todas as sociedades, independente de classes sociais ou idade (GROSJEAN, 1982).

No Brasil apenas uma pequena parte dos povos indígenas é monolíngue, sendo que a maioria dos povos indígenas é bilíngue em língua materna e em português (BRASIL, 2007).

De acordo com Almeida e Albuquerque (2011, p.95), o termo bilinguismo remete a ideia que em uma sociedade existem sujeitos capazes de promoverem uma comunicação em duas línguas. Maher (2005, p.105) afirma que “o bilinguismo, uma condição humana muito comum, refere-se à capacidade de fazer uso de mais de uma língua”. A mesma autora afirma que o bilíngue “funciona em universo discursivo próprio, que não é nem o universo discursivo do falante monolíngue em L1, nem o do falante monolíngue em L2” (MAHER 1996, p.57).

O bilinguismo pode ser considerado sob diversas perspectivas pois se trata de um fenômeno que envolve diferentes aspectos, como afirma Borstel:

O bilinguismo tradicionalmente considerado como um fenômeno observado em usuários que dominam dois sistemas linguísticos, aparece na literatura com várias acepções. Na área da psicolinguística, o bilinguismo é enfocado a partir de estudos quanto à relação linguagem e pensamento e do critério de origem da aquisição da linguagem; na área da linguística, refere-se ao grau de domínio do falante com relação às duas línguas, isto é, baseiam-se suas definições nas competências linguísticas dos bilíngues; no campo da sociologia os estudiosos interessam-se em levantamentos de senso, pesquisa de sistemas escolares com relação à educação bilíngue e aos aspectos sociopolíticos de situações bilíngues e a definem, assim, o bilinguismo em termos de atitudes; as pesquisas sociolinguísticas definem o bilinguismo em termos da função que a linguagem desempenha para o bilíngue e para a sociedade bilíngue (BORSTEL, 2001, p.12).

Sobre o bilinguismo, Grosjean (1994) afirma que geralmente o falante bilíngue não possui a mesma habilidade nas duas línguas e que o mesmo adquira a segunda língua em

diversas fases de sua vida. No bilinguismo social duas línguas são usadas em uma mesma comunidade, pois além da língua materna oficial existe outra língua em conflito. Já no bilinguismo individual, o sujeito faz uso de duas línguas ao mesmo tempo. Appel e Muysken (1992, p.2) apontaram sobre o bilinguismo social e o bilinguismo individual.

Para este trabalho, trazemos as ideias de Weinreich (1953, p.1) sobre o bilinguismo como “a prática de empregar duas línguas alternadamente”. O autor citado divide o bilinguismo em três tipos: coordenado, subordinado e composto. O que concerne o bilinguismo coordenado, a aquisição da língua é feita em situação de interação, onde o indivíduo adquire a nova língua no convívio com os falantes nativos e em contextos diferentes.

Sobre o bilinguismo subordinado, o contato do falante com a língua se dá em um ambiente formal de aprendizado. Nesse bilinguismo o falante utiliza-se dos significados da sua língua materna para interpretar os da língua que está sendo adquirida. Já no bilinguismo composto, o indivíduo aprende as duas línguas no mesmo contexto por meio das mesmas pessoas, possuindo apenas um sistema linguístico.

Segundo Mackey (1968, p.26), quando discutirmos sobre bilinguismo, é necessário observar quatro aspectos nos falantes, a saber: o grau de proficiência, a função e uso das línguas, a alternância de código e a interferência.

Respeito do grau de alternância Mackey (ibidem) ressalta que devem ser analisados a fala, a escrita, a compreensão e os demais elementos que possam definir o grau de bilinguismo do falante. Todavia, o falante não precisa apresentar uma proficiência igual em todas essas habilidades pois, de acordo com o autor o falante pode ter mais domínio em uma determinada habilidade linguística e ter menos facilidade em outra, isso ocorre frequentemente devido muitos fatores. Dentre tais fatores, podemos afirmar que o indivíduo faz uso das línguas que domina de acordo com objetivo e a situação que escolhe, por este motivo é muito difícil obilíngue apresentar o mesmo nível de proficiência em todas as línguas que domina.

De acordo com Mackey (1968, p.27) as funções que as línguas exercem podem ter caráter externos ou internos. As funções externas relacionam-se diretamente às situações linguísticas que ocorrem nos ambientes, como também a duração e a frequência que acontecem e, até mesmo, pela pressão que o falante sofre pelo meio externo. Já as funções internas estão ligadas à idade, ao gênero, ao uso, à memória, à motivação e às atitudes que o falante tem a respeito de sua língua.

Outro fator importante a ser observado quando é realizado um estudo sobre bilinguismo, a saber a alternância de código, que de acordo com Mackey (1968, p.29) é de suma importância observar em que frequência o falante alterna a língua que usa.

A respeito da interferência de uma língua sobre a outra, Mackey (1968, p.31) afirma que no fenômeno da interferência, um falante de uma língua recorre à outra língua no momento da fala ou da escrita de forma involuntária, fazendo uso de termos que não pertencem a sua língua.

Ao que concerne ao bilinguismo existente entre os povos indígenas, o Referencial Curricular Nacional de Educação Indígena (RCNEI) afirma que ele está presente em diversos domínios e é manifestado de diversas formas:

As tradições culturais, os conhecimentos acumulados, a educação das gerações mais novas, as crenças, o pensamento e a prática religiosa, as representações simbólicas, a organização política e a reprodução sociocultural das sociedades indígenas são na maioria dos casos, manifestados através do uso de mais de uma língua. Mesmo os povos indígenas que são hoje monolíngues em língua portuguesa continuam a usar a língua dos seus ancestrais como símbolo poderoso para onde confluem muitos de seus traços identificatórios constituindo, desse modo, um quadro de bilinguismo simbólico (RCNEI 1998, p.25).

Quando uma sociedade indígena tem contato com outra sociedade ocorre o deslocamento sociolinguístico. De acordo com Guimarães (2002, p.46), “o que começa com uma situação de bilinguismo pode evoluir para o quadro de monolingüismo na língua dominante”.

Sendo assim, a necessidade dos povos indígenas em adquirir a língua portuguesa surge, principalmente, pelas relações de intercâmbio existentes entre esses povos e a sociedade não indígena. Isso faz com que aconteçam alguns fenômenos próprios da sociedade bilíngues, tais como os empréstimos linguísticos.

Em sociedades indígenas que têm contato com o português, é comum encontrarmos elementos que não fazem parte do léxico da língua materna indígena. E de acordo com Maher (2005, p.10), não existe um sujeito bilíngue que ao falar a segunda língua não apresenta elementos da estrutura de sua língua materna.

2.3 Desaparecimento de línguas

É devido à falta de manutenção e funcionalidade dentro da comunidade de fala que as línguas morrem. A respeito da morte de línguas, McMahon (1994:285 apud Cristófar. 2002) usa a seguinte definição:

A³ definição de morte de língua que adotamos envolve essencialmente a transferência de partes de uma língua nativa para uma língua majoritária, mas

³ The definition of language death we shall adopt essentially involves a transfer of allegiance of part of a population from a language which has been native in the area, to a more recently introduced language in which the indigenous

recentemente introduzida tornando a população indígena bilingue. A nova língua é geralmente falada nativamente pelos falantes mais fluentes, que podem também ser mais numerosos, e é normalmente associado pelos falantes da língua minoritária com a riqueza, prestígio e progresso. A língua minoritária é, então, efetivamente abandonada por seus falantes, tornando-se adequado para uso em contextos cada vez menores, até que seja completamente substituída pela língua de entrada.
(MCMAHON, 1994. P.285).

São variados os fatores que determinam a interação entre as línguas em contato. O desaparecimento de línguas pode ser diagnosticado por perda de palavras e redução nos contextos funcionais onde a língua pode ser usada. Crystal (2000) aponta dois fatores ao tratar sobre o desaparecimento de línguas, os principais fatores como responsáveis por esse processo são: os fatores que colocam as pessoas em perigo físico e os fatores que mudam a cultura do povo.

Segundo Crystal (2000), os fatores que colocam as pessoas em perigo físico, primeiramente temos a redução de falantes da língua em decorrência de causas catastróficas naturais. Essa questão pode acontecer em comunidades pequenas, em áreas isoladas que podem ser dizimadas por fenômenos catastróficos da natureza.

Sendo assim, se todas as pessoas que falam uma língua morrem, obviamente esta língua virá a morrer, portanto, qualquer ameaça direta à segurança física de alguns ou todos de uma comunidade comprometerá a vivacidade desta língua.

Os fatores que mudam a cultura de um povo relacionam-se diretamente com as atitudes dos falantes de uma comunidade. As forças globais influenciam essas atitudes que favorecem a perda cultural de comunidades minoritárias, pois o contato inevitável com línguas que circulam nas grandes metrópoles reflete significativamente na permanência, ou não, do estado monolíngue destas comunidades, colocando os falantes de tal língua ameaçadas perante a escolha de uma ou outra língua.

Hill (1983) afirma que a morte de línguas não está relacionada somente às mudanças estruturais do idioma, mas também ao comportamento dos falantes. A perda linguística em comunitárias, inevitavelmente leva a um colapso na transmissão tradicional no padrão de comunicação levando a mudança em práticas tradicionais de cultura e educação,

population has become bilingual. The new language is generally spoken natively by more powerful speakers, who may also be more numerous, and is typically associated by speakers of the minority language with prestige, wealth and progress. The minority language is then effectively deserted by its speakers, becoming appropriate for use in fewer and fewer contexts, until it is entirely supplanted by the incoming language.

consequentemente sérias mudanças psicológicas e sociais, fato este que dificulta a manutenção da língua.

Os estudos realizados por Crystal (2000) apontam que a morte de língua como falantes nos permite inferir que a obsolescência ocorre quando uma língua deixa de ter funcionalidade dentro de uma comunidade de fala e passa a existir somente em um arcabouço teórico ou em situações tradicionais em que os falantes agem codificadamente e não mais internacionalmente. A obsolescência linguística deve ser entendida como uma situação em que a língua merece atenção, comprometimento social dos falantes para que o projeto de vitalização possa ser alcançado.

Com a chegada dos portugueses no Brasil, diversas mudanças nas línguas autóctones desta nova terra aconteceram. Segundo Aryon Rodrigues (1993; 2005) cerca de 1.300, muitas foram sendo modificadas pela necessidade de catequização, bem como o objetivo e colonização, além de muitas serem extintas devido seus falantes serem exterminados ou forçados a falarem outra língua. Sabe-se então que as línguas indígenas sofreram modificações para atender as exigências do colonizador.

No Brasil o que se vê é o excesso de mudanças referentes à situação de uso das línguas, não se trata apenas de mudanças no sistema da língua, mas de mudança na condição de existência de uma língua. Assim, muitas línguas são abandonadas por diversos problemas sociais normalmente externos à comunidade, sem que seus membros possam decidir sobre tais perdas.

De acordo com Seki (2000, p.238), a perda linguística acontece “devido ao desaparecimento físico dos falantes, em decorrência de epidemias, extermínio direto, escravização, redução de territórios, destruição das condições de sobrevivência e aculturação forçada”, são esses fatores externos que contribuem para tal situação.

A extinção de línguas indígenas é resultado de políticas centralizadoras portuguesas e depois brasileiras, pois mesmo após a independência do Brasil, a sobrevivência de outras línguas dentro do território nacional continuou ameaçada. Mesmo que vários centros de pesquisa promovam várias iniciativas em prol do estudo de línguas indígenas, a capacidade de manutenção de uma língua depende da capacidade de corresponder às necessidades de seus falantes. Sendo assim, quando a língua portuguesa ocupa um espaço majoritário nas aldeias de povos indígenas, a perda linguística acontece, pois a língua indígena paulatinamente vai perdendo a sua vitalidade, morrendo assim também as condições para a manutenção dessa língua.

No Brasil muitas línguas indígenas estão ameaçadas e a diversidade linguística do país precisa ser fortalecida. O pouco estudo das línguas indígenas fez com que muitas delas morressem juntamente com seus últimos falantes, pois as mesmas tinham como veiculação apenas a oralidade, e não contavam com registros.

2.3 Metodologia

Para alcançarmos o nosso objetivo, a partir da realidade linguística do povo Anambé, constatamos que o uso da língua Anambé e da língua portuguesa nos diversos domínios sociais da comunidade e o grau de bilinguismo adotada pelos professores indígenas, como recurso eficiente para a vitalização linguística na escola Aipã Anambé, tanto na modalidade escrita, quanto na oral, julgamos necessário o conhecimento e a análise da realidade Sociolinguística e cultural dessa comunidade. Em nosso trabalho, a comunidade indígena é a aldeia Anambé em Moju-Pará.

Para confirmação e refutação de nossa tese, foi necessário ir a campo, assistir aulas na escola, conversar com moradores da comunidade e aplicar os instrumentos de coleta de dados e fazer uma abordagem Sociolinguística na área pesquisada. Todo trabalho de campo requer integração entre pesquisador, contexto e participantes, o que, segundo Mynayo (2010):

[...] permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma realidade de “interação” com os “atores” que conforme a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo [...] (MYNAYO, 2010, p.75).

Ressalta-se que a presença do pesquisador dentro da comunidade pesquisada é algo que traz certo receio, por mais preparados e avisados que os indígenas estejam despertando a curiosidade dos sujeitos em várias situações. Esta proximidade torna o trabalho mais intenso, por mais que no início seja bem difícil se adequar a rotina, nos modos de vida dos indígenas é necessário se aproximar.

Além disso, é necessário também, utilizar-se de teorias para subsidiar os resultados. Devendo então ter flexibilidade, planejamento e organização.

Meu interesse em pesquisar e estudar o povo Anambé, iniciou no ano de 2017, onde fazendo parte do Conselho Municipal de Educação de Moju-Pará, observei a necessidade de realizar um levantamento da situação atual Sociolinguística deste povo, uma vez que para que a escola Aipã Anambé e a SEMED/Moju possam estabelecer e executar diretrizes educacionais

para a revitalização linguística da língua do povo Anambé, se fazia necessário uma sistematização de tal situação sociolinguística.

Nosso trabalho é um exemplo dessa flexibilidade, do planejamento e do replanejamento, pois o trabalho de campo iniciou em outubro de 2019 quando realizamos uma visita à aldeia Anambé. Na oportunidade visitamos algumas casas, conversamos com as lideranças e participamos de uma festa cultural, na qual foram realizadas danças, cantos e pinturas corporais. Ainda nessa visita obtivemos alguns dados sobre a escola Aipã Anambé.

Sobre o ato de planejamento da pesquisa em campo, havíamos agendado com a liderança um segundo momento que iria acontecer em maio de 2020, mas foi impossibilitado devido a pandemia de Covid19.

No estado do Pará, somente no ano de 2020 os indígenas foram vacinados, porém ainda não havia condições para que pudéssemos continuar a pesquisa de campo devido ao fato da vacinação ser realizada de forma muito lenta, reflexo da irresponsabilidade do governo federal. Somente em outubro de 2021 retornamos à aldeia e demos continuidade a pesquisa de campo, a qual foi concluída em junho de 2022.

A abordagem metodológica usada em nossa pesquisa é quali-quantitativa, pois conforme as proposições de Marconi e Lakatos (2007, 165-174), na abordagem qualitativa o pesquisador analisa, interpreta e descreve os hábitos, atitudes, e o comportamento humano de forma detalhada. Enquanto na abordagem quantitativa, o pesquisador utiliza-se de instrumentos estatísticos, de amostras amplas e informações numéricas. Ressaltamos que em nossa pesquisa a análise dos dados quantitativos foi feita concomitantemente à dos dados qualitativos.

Ao que concerne à abordagem qualitativa, é importante ressaltar o papel do pesquisador durante o trabalho, principalmente, quando está em campo, em contato com os pesquisados, pensando sempre que sua presença no ambiente de coleta não pode interferir nas atividades desenvolvidas habitualmente. Chizzotti (2009) pontua sobre isso ao afirmar que:

O pesquisador é a parte fundamental da pesquisa qualitativa. Ele deve, preliminarmente, despojar-se de preconceitos, predisposições para assumir uma atitude aberta a todas as manifestações que observa, sem adiantar explicações nem se conduzir pelas aparências imediatas, a fim de alcançar uma compreensão global dos fenômenos. Essa compreensão será alcançada com uma conduta participante que partilhe a cultura, das práticas, das percepções e experiências dos sujeitos da pesquisa, procurando compreender a significação social por eles atribuída no mundo que os circunda [...] (CHIZZOTTI, 2009, p.82).

Mesmo sem haver interferência do pesquisador nas atividades habituais da comunidade pesquisada, durante a coleta de dados, o pesquisador, segundo Chizzotti (2009) não é apenas

um “relator passivo”, pois precisa se relacionar, criar laços com os acontecimentos, familiarizar-se para que compreenda, refute, confirme suas impressões, suas crenças sobre o corpus. Dessa forma, pode descrever com mais experiências e detalhes as coisas observadas ou vividas.

[...] o pesquisador deve manter sua conduta participante: a partilha substantiva na vida e nos problemas das pessoas, o compromisso que se vai adensando na medida em que são identificados os problemas e as necessidades e formuladas as estratégias de superação dessas necessidades ou resolvidos os obstáculos que interferiam na ação dos sujeitos (CHIZZOTTI, 2009, p.82).

Para se encaixar na rotina, nos modos de vida dos indígenas, é necessário se aproximar, mesmo sendo o inusitado, o divertido, a novidade na aldeia.

O etnógrafo surge diante de seus sujeitos como intruso desconhecido, geralmente inesperado e frequentemente indesejado. As expressões que eles têm dele determinarão o tipo e a validade dos dados aos quais será capaz de ter acesso e, portanto, o grau de sucesso de seu trabalho. [...] Cada um dará ao outro a impressão que melhor serve aos seus interesses tais como os vê. (BERREMAN, 1980, p.141).

Os conhecimentos foram gerados graças à abordagem qualitativa da pesquisa, que possibilita utilizar dessa proximidade que a pesquisa de campo etnográfica nos possibilita. No entanto, não se pode negar a necessidade de usar, para a tabulação de dados obtidos pelos questionários, fatores e aspectos da abordagem quantitativa, pois os dados, para serem analisados seguiram as normatizações estatísticas.

A análise foi realizada, ainda com base na pesquisa de campo, que teve como instrumentos a observação participante, o diário de campo e a aplicação de questionário. Conquanto, em uma pesquisa etnográfica, como a nossa, geralmente várias etapas podem ocorrer concomitantemente, e muitas vezes ao aplicar o questionário, fizemos anotações em nosso diário de campo.

As anotações em diário de campo foram muito importantes durante a pesquisa, e posteriormente, na análise dos dados. Neste diário fizemos diversos registros tais quais as atividades realizadas pelos indígenas, no período que estivemos na aldeia, registramos informações e detalhes que poderiam fugir às questões de múltiplas escolhas. Por meio dessas anotações, constatamos aspectos relevantes da real situação Sociolinguística Anambé.

Finalmente, temos a aplicação de questionário, usado também como instrumento de análise nesta pesquisa. Esse questionário foi elaborado baseado em pesquisas de Fishman (1967, 1980), extraído de Braggio (1992) e de Muñoz (1991) e por conseguinte, adaptado por

Albuquerque (1999). O questionário tem 44 perguntas de caráter Sociolinguístico e foi aplicado em diversos domínios sociais, como escola, residências e outros. A faixa etária dos entrevistados varia entre a idade de 08 anos até mais de 40 anos. Sendo dividida da seguinte forma: de 08-12, de 13-18, de 19-39 e 40 ou mais anos de idade.

A aplicação do questionário objetivou fazer o levantamento Sociolinguístico do povo Anambé. Com esse levantamento tínhamos o objetivo de descrever e analisar a situação sociolinguística desse povo, observando a facilidade linguística em língua Anambé e em língua portuguesa, bem como o uso da língua, de acordo com os domínios sociais e a receptividade das línguas na aldeia.

Podemos afirmar que este levantamento Sociolinguístico nos permitiu fazer uma pequena descrição da situação Sociolinguística do povo Anambé.

Acreditamos na relevância deste estudo Sociolinguístico, pois além de registros de dados estatísticos ele traz análises e apontamentos para que futuras ações de vitalização linguística da língua Anambé sejam criadas, bem como pode auxiliar as práticas educativas para que essa vitalização aconteça.

Amostragem representativa de nosso estudo de abordagem quali-quantitativa ocorreu conforme os critérios estabelecidos previamente para seleção dos entrevistados, de várias faixas etárias, dos sexos masculino e feminino, dentre eles lideranças, comunidade indígena, professores indígenas e alunos. O questionário e as observações proporcionaram apontamentos da necessidade de práticas de vitalização da língua Anambé.

No próximo capítulo, por meio do levantamento Sociolinguístico, apresentamos a situação sociolinguística do povo Anambé.

3. ASPECTOS DA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DOS ANAMBÉ

3.1 Introdução

Neste capítulo, apresentamos a descrição e análise dos dados sobre a situação Sociolinguística dos Anambé, observando a facilidade linguística em língua Anambé e em língua portuguesa, nos diversos domínios sociais, esclarecendo quando, como, onde e por que esses falantes usam a língua indígena ou a portuguesa.

Pretendemos, com nossa pesquisa contribuir para a manutenção da língua materna do povo Anambé. A análise dos dados foi baseada em estudos Sociolinguísticos, fato este que possibilitou compreender melhor a relação existente entre a língua portuguesa e a língua indígena. Enfocamos, também, as preferências linguísticas, os usos e funções dessas línguas de acordo com os domínios sociais dentro das aldeias e em diferentes interações.

A cerca disso, Calvet (2002, p.12) afirma que “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”, fato este que comprova a importância de um estudo sociolinguístico para a comunidade indígena Anambé.

De acordo com Tarallo (1997), o trabalho de investigação das línguas, por se tratar de análises, é conceituado como Sociolinguística Quali-quantitativa. Isso se justifica pelo fato desse tipo de investigação além de trabalhar com números e coleta de dados, visa entender os dados e os fenômenos estudados, sob a ótica dos participantes da pesquisa. Para o autor, os dados linguísticos integram o conjunto de informações que contribuirão ao analisar afim de alcançar nossos objetivos.

A respeito ao critério de seleção das pessoas foram consideradas duas variáveis extralinguísticas: idade e sexo. Foram entrevistadas pessoas nas seguintes faixas etárias: 8-12, 13-18, 19-39, 40 e mais, de ambos os sexos com o propósito de apreender a situação Sociolinguísticas por meio dessas variáveis que apontam ser importantes nas comunidades.

Para coleta de dados utilizamos a entrevista estruturada. Optamos pela entrevista estruturada, uma vez que ela permite que obtenhamos resultados mais próximos ao esperado.

Quanto aos domínios sociais escolhidos para a nossa pesquisa foram: família, relações sociais, trabalho, religião, educação, vizinhança e posto de saúde.

De modo geral, os estudos Sociolinguísticos são realizados através de entrevista com o auxílio de um questionário. Tarallo (1997) afirma que em um diagnóstico Sociolinguístico é imprescindível uma quantidade de dados e que estes sejam coletados por meio de pesquisa realizada diretamente com os falantes da língua estudada.

Para Alkmin (2003, p.31), a Sociolinguística interage entre a língua e a sociedade, dando ênfase ao uso da língua, como também da heterogeneidade linguística. Sendo a linguagem, para Sociolinguística, um sistema dinâmico que conecta o comportamento social ao comportamento linguístico

À vista disso, para levantamento de nossos dados, aplicamos um questionário que tem como fundamentação teórica a pesquisa de Fishman (1967, 1980). Esse questionário foi extraído de Braggio (1992) e de Muñoz (1991) e, em sequência, adaptado por Albuquerque (1999) com base nos modelos de Muñoz e Fishman, passando a possuir então 37 perguntas de caráter Sociolinguístico e dividido em sessões.

Por meio da quantificação das respostas foram feitas as indicações percentuais. De forma manual, fizemos a contagem do número de resposta de cada questionário. Essas respostas foram agrupadas por tabelas que quantificaram os dados. No total foram produzidas ??? tabelas, tendo em seu interior o número a qual correspondem. As tabelas possuem referências ao gênero e faixa etária.

Os resultados que estão nos comentários e na conclusão do trabalho são dados quantitativos de resultado das tabelas. Após cada tabela foram feitas explicações objetivando descrever os dados e destacar os aspectos considerados mais importantes para a pesquisa.

A população da aldeia indígena Anambé é de 200 habitantes, sendo 114 mulheres e 86 homens. Em nossa pesquisa entrevistamos 20%⁴ da população da aldeia buscando equilibrar o quantitativo relacionado ao gênero.

Sendo assim foram entrevistados 40 indígenas, desse número 22 são do sexo feminino e 18 são do sexo masculino. A população masculina com faixa etária entre 8 e 12 anos foi de 5 indígenas; já os com faixa etária entre 13 e 18 anos foram de 5 indígenas; e de 19-39 anos foram 3 indígenas e com 40+ foram 5 indígenas. Já a população feminina com faixa etária entre 8 e 12 anos foi de 7 indígenas; já os com faixa etária entre 13 e 18 anos foram de 5 indígenas; e de 19-39 anos foram 5 indígenas e com 40+ foram 5 indígenas.

A tabela abaixo reflete esses dados:

⁴ Utilizamos em nossa pesquisa o mesmo critério mínimo exigido pelo IBGE em pesquisas de amostragem que equivalem a 20% da população pesquisada.

Tabela 1 - População pesquisada

	8 - 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino	05	05	03	05	18	45%
Feminino	07	05	05	05	22	55%
Total	12	10	08	10	40	100%

Fonte: Elaboração própria. Foram contactados 40 indígenas Anambé, sendo 18 do sexo masculino (45%) e 22 do sexo feminino (55%).

3.2 Facilidade Linguística em língua materna Anambé

No item a seguir, o foco da análise está voltado para a facilidade linguística, tais como:

- . Facilidade em entender uma conversação em Anambé
- . Facilidade em falar em Anambé
- . Facilidade em ler em Anambé
- . Facilidade em escrever em Anambé

Os dados revelam que apenas os Anambé com 40 anos ou mais, independente de sexo entendem e falam sua língua materna, tanto nas interações intragrupo⁵, como no processo de leitura escrita no ambiente de educação escolar indígena.

Nas tabelas a seguir, podemos constatar essas informações:

⁵ De acordo com Albuquerque (1999), interações intragrupo são relações que acontecem dentro de um determinado grupo, que se manifestam nas ligações internas com os membros desse grupo. Nas interações intragrupos os membros, geralmente, compartilham das mesmas normas, línguas, regras, crenças, valores, atitudes e papéis.

I - Facilidade em entender uma conversação em Anambé

Tabela 2 - Facilidade em entender uma conversação em Anambé

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Sim	–	–	01	05	06	33%
Não	04	04	–	–	08	45%
Um pouco	01	01	02	–	04	22%
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Sim	–	–	–	04	04	18%
Não	06	05	05	–	16	73%
Um pouco	01	–	–	01	02	09%
Total	07	05	05	05	22	100%

Tabela 3 - Facilidade em entender uma conversação em Anambé

Fonte: Elaboração própria.

Por meio dos dados apresentados nas tabelas, constatamos que o percentual de indígenas Anambé que tem facilidade em entender uma conversação na língua Anambé é muito baixo. Apenas 33% dos homens conseguem compreender uma conversação na língua Anambé e 22% afirmaram compreender “um pouco”. Já entre as mulheres, somente 18% conseguem compreender uma conversação na língua Anambé e 09% conseguem compreender “um pouco”.

A diminuição do uso da língua Anambé se deve a vários fatores, entre estes temos as relações sociais com a sociedade não indígena, a presença da religião protestante e o modelo de educação escolar que ainda é estabelecido pela secretaria municipal de educação de Moju, o qual ainda utiliza padrões e normas de um currículo que não valoriza e reflete as especificidades do povo Anambé.

Esses contatos com falante da língua portuguesa e a exposição a ela foram o motivo desses percentuais; fruto de exposições de ordens históricas, e de ordem sócio cultural: sexo, idade, posição do indivíduo no grupo; bem como as de ordem econômica: venda e compra de produtos.

II – Facilidade em falar a língua Anambé

Tabela 4 - Facilidade em falar a língua Anambé

Faixa etária	8 – 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Sim	–	–	01	02	03	17%
Não	04	05	–	01	10	55%
Um pouco	01	–	02	02	05	28%
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 5 - Facilidade em falar a língua Anambé

Faixa etária	8 – 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Sim	–	–	–	03	03	14%
Não	06	05	05	01	17	76%
Um pouco	01	–	–	01	02	10%
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

Na aldeia Anambé apenas 17% dos homens têm facilidade em falar a língua Anambé. Já o percentual de mulheres falando a língua Anambé é de 14%. Ressaltamos que os Anambés que possuem a facilidade são especificamente a população com 40 ou mais anos, com exceção de dois indígenas que são da faixa etária (19 e 39 anos) que afirmaram ter facilidade em falar a língua. Durante a pesquisa de campo esses dois indígenas justificaram que tal facilidade se deve

ao trabalho com a língua indígena na escola Aipã Anambé. Já os que falavam “um pouco” a língua Anambé foram 28% dos Anambé do sexo masculino e 10% do sexo feminino.

Sendo assim, com base nos dados das tabelas constatamos que a sociedade Anambé necessita desenvolver ações permanentes de manutenção e fortalecimento da língua Anambé. De acordo com Fishman (2006), os comportamentos Sociolinguísticos devem colaborar para a manutenção de uma língua e a ausência de práticas que valorizem a língua pode fazer com que uma língua desapareça. Há assim, a necessidade de planejamento e ações para assegurar a manutenção da língua, onde é necessário um esforço do grupo étnico que envolva toda a comunidade e toda a região falante dessa língua, chamando a atenção da sociedade nacional em todas as esferas.

Os resultados são preocupantes, pois somente poucos idosos falam a língua Anambé com facilidade, deste modo é preciso lembrar que essa língua está sendo extinta. É também altamente preocupante o fato que a situação linguística dessa comunidade não seja questionada pela própria comunidade. Assim, o português vem se instalando como língua de prestígio.

III – Facilidade em ler Anambé

Tabela 6 - Facilidade em ler Anambé

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Sim	–	–	–	01	01	06%
Não	05	05	–	04	14	77%
Um pouco	–	–	03	–	03	17%
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 7 - Facilidade em ler Anambé

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Sim	–	–	–	01	01	04%
Não	07	05	–	02	14	64%
Um pouco	–	–	05	02	07	32%
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com os dados das tabelas 77% dos Anambé do sexo masculino e 64% do sexo feminino não tem facilidade em ler na língua Anambé. Já os que afirmaram ter “um pouco” de facilidade são 17% do sexo masculino e 32% feminino.

Conforme observamos nas tabelas, a facilidade em ler na língua Anambé ou em ler “um pouco” ocorre entre os indígenas das faixas etárias (19 e 39 anos) e (40 ou mais). Em observação durante a pesquisa em campo constatamos que há pouquíssimos materiais escritos com registros em língua Anambé, materiais estes que foram codificados pelo professor indígena Wilson Anambé, fator este que se reflete nos dados das tabelas.

Outros aspectos importantes que observamos durante a pesquisa é que as crianças (08 a 12 anos) estão em processo de alfabetização em língua portuguesa, mas tem aulas em língua Anambé e já há apontamentos para mudanças desses dados estatísticos.

Ao que concerne a essa questão, destacamos o papel que a educação escolar indígena passou a ter, tanto na alfabetização na língua Anambé, quanto na construção de materiais para a vitalização da língua e manutenção da cultura Anambé.

É notável a consciência que os entrevistados sentem da necessidade de se ensinar a língua Anambé como forma de revitalização, principalmente no ambiente da educação escolar indígena pois, parece haver o entendimento que escola poderia caracterizar o sonho de revitalização da língua Anambé.

IV- Facilidade em escrever em língua Anambé

Tabela 8 - Facilidade em escrever em língua Anambé

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Sim	–	–	–	02	02	11%
Não	05	05	03	03	16	89%
Um pouco	–	–	–	–	–	
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 9 - Facilidade em escrever em língua Anambé

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Sim	–	–	–	01	01	04%
Não	07	05	04	04	20	92%
Um pouco	–	–	01	–	01	04%
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

Com relação a escrever em língua Anambé, a maioria dos homens (89%) não possuem facilidade em escrever nessa língua e apenas (11%) afirmaram ter facilidade em escrever na língua. Em relação às mulheres (92%) não possuem facilidade em escrever na língua, (4%) apenas conseguem escrever “um pouco” e outros (4%) possuem facilidade em escrever na língua. Esses números demonstram que a comunidade desta aldeia não possui domínio da escrita da língua Anambé.

Como se vê, o povo da aldeia Anambé, em sua maioria, apresenta dificuldades para escrever em sua língua. Podemos afirmar que a ausência da prática e domínio da escrita impossibilita a garantia da transmissão da cultura deste povo. Essa garantia deve ser assegurada por meio do registro e documentação realizados pelos próprios indígenas. Na escola esse trabalho é de fundamental importância, haja vista que nesse ambiente a escrita pode ser trabalhada de forma contextualizada. Sobre isso o, RCNEI diz que

para que a escrita faça sentido para os alunos é preciso, que eles se envolvam em atividades em que a linguagem escrita apareça contextualizada e sirva para comunicar alguma coisa como: apresentar-se e apresentar outras pessoas, cumprimentar e despedir-se, dar, pedir, e entender informações pessoais, convidar, aceitar ou recusar um convite, expressar verbalmente, sentimentos e sensações de alegrias, tristeza, dor, raiva, etc. RCNEI (1998, p.34-35)

Sendo assim, o uso da escrita em língua Anambé deve ser estimulado na escola, pois está pode representar a realidade e os elementos indispensáveis à cultura Anambé, de forma à manutenção da língua.

Após termos feito as considerações acerca da facilidade linguística em língua Anambé, apresentaremos os dados referentes à facilidade linguística do povo Anambé em língua portuguesa.

3.3 Facilidade linguística em Língua Portuguesa.

Todos os Anambé pesquisados para esse trabalho têm contato com o português, pois o decorrer da história do povo Anambé houve muitos casamentos mistos, homens e mulheres indígenas que casaram com pessoas de fora da aldeia, principalmente cidadãos da cidade de Mocajuba-Pará, bem como casamentos com indígenas de outras etnias.

Na aldeia Anambé 100% dos indígenas entendem e conversam na língua portuguesa. Nesta sessão abordaremos questões sobre a facilidade linguística do povo Anambé em língua portuguesa. Os entrevistados responderam os seguintes temas:

- . Facilidade em entender uma conversação em língua portuguesa.
- . Facilidade em falar em língua portuguesa.
- . Facilidade em ler em língua portuguesa.
- . Facilidade em escrever em língua portuguesa.
- . Língua mais fácil de aprender.

I - Facilidade em entender uma conversação em Língua Portuguesa

Tabela 10 - Facilidade em entender uma conversação em Língua Portuguesa

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19 - 39	40 +	Total	%
Masculino						
Sim	05	05	03	05	18	100%
Não	–	–	–	–	–	–
Um pouco	–	–	–	–	–	–
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 11 - Facilidade em entender uma conversação em Língua Portuguesa

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19 - 39	40 +	Total	%
Feminino						
Sim	07	05	05	05	22	100%
Não	–	–	–	–	–	–
Um pouco	–	–	–	–	–	–
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

As tabelas apresentam a facilidade que o povo Anambé tem em entender uma conversação em língua portuguesa. Conforme observamos (100%) dos indígenas Anambé, tanto do sexo masculino como do sexo feminino, possui facilidade em compreender conversação em língua portuguesa. Essa situação reflete fatores socioculturais e políticos que podem ter influenciado tais resultados. Muitos dos entrevistados afirmaram que têm um contato direto com a língua portuguesa em todos os tipos de relações e que a aquisição do português é fundamental para manter relações pessoais e de trabalho.

O levantamento Sociolinguístico demonstra um número elevado de pessoas que compreendem conversação em língua portuguesa.

II - Facilidade em falar em Língua Portuguesa.

Tabela 12 - Facilidade em falar em Língua Portuguesa.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19 - 39	40 +	Total	%
Masculino						
Sim	05	05	03	05	18	100%
Não	–	–	–	–	–	–
Um pouco	–	–	–	–	–	–
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 13 - Facilidade em falar em Língua Portuguesa.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19 - 39	40 +	Total	%
Feminino						
Sim	07	05	05	05	22	100%
Não	–	–	–	–	–	–
Um pouco	–	–	–	–	–	–
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

Os dados indicam que (100%) afirmam ter facilidade em falar em língua portuguesa. O domínio oral do português é visivelmente perceptível nas construções das frases, concordância, fonética, e demais elementos observados durante a entrevista, isso se justifica porque o contato com a língua portuguesa se dá primeiramente de forma oral. Assim, aprender falar em língua portuguesa, para esses indígenas, é uma oportunidade de interagir nos ambientes públicos, na escola, no posto de saúde, nas relações com as comunidades próximas, pois a língua portuguesa possibilita o acesso a diversos domínios sociais dentro e fora da aldeia.

III - Facilidade em ler em Língua Portuguesa.

Tabela 14 - Facilidade em ler em Língua Portuguesa.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Sim	05	05	03	02	15	82%
Não	–	–	–	01	01	06%
Um pouco	–	–	–	02	02	12%
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 15 - Facilidade em ler em Língua Portuguesa.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Sim	07	05	05	03	20	90%
Não	–	–	–	01	01	05%
Um pouco	–	–	–	01	01	05%
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

Os dados referentes à facilidade em ler em língua portuguesa são: (82%) dos homens afirmam ter facilidade em ler, (6%) não tem facilidade em ler e (12%) tem “um pouco” de facilidade em ler em língua portuguesa. Já as mulheres, (90%) possuem facilidade em ler em língua portuguesa, outros (5%) possuem “um pouco” de facilidade em ler em língua portuguesa e (5%) não possui facilidade em ler.

Por meio desses dados podemos constatar que o ensino do português desde as séries iniciais contribui significativamente para que os Anambé aprendam a ler em língua portuguesa, como observamos na tabela, somente os indígenas de faixa etárias (19-39 anos) e (40+ anos) apresentam “um pouco” ou apresentam dificuldades na leitura em língua portuguesa, isso se justifica pelo fato destas faixas etárias não terem tido acesso a educação escolar na escola Aipã Anambé.

Durante as nossas visitas nas casas, no posto de saúde, na escola, na igreja, verificamos bastante material escrito em português, o que indica um uso majoritário da língua portuguesa das relações sociais da aldeia.

O número de indígenas que tem facilidade em ler em língua portuguesa é bastante expressivo. De acordo com Grosjean (1982), o que explica tal fenômeno é o fato de que as crianças de sociedades minoritárias são ensinadas na escola em língua majoritária, elas assimilam facilmente a língua e a cultura da sociedade dominante. Os Anambé acreditam que aprender a ler em língua portuguesa é fundamental para entrar no mercado de trabalho e, assim, ter garantia de um futuro profissional, pois na aldeia não há oferta do Ensino Médio nem de cursos profissionalizantes, técnicos ou superior, sendo necessário o domínio da língua portuguesa para ingressar em tais níveis de escolaridade.

IV- Facilidade em escrever em Língua Portuguesa.

Tabela 16 – Facilidade em escrever em Língua Portuguesa.

Faixa etária	8 – 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Sim	05	05	03	02	15	68%
Não	–	–	–	01	01	05%
Um pouco	–	–	–	02	02	05%
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 17 – Facilidade em escrever em Língua Portuguesa.

Faixa etária	8 – 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Sim	07	05	05	03	20	90%
Não	–	–	–	01	01	05%
Um pouco	–	–	–	01	01	05%
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

Ao que concerne a facilidade em escrever em língua portuguesa (68%) dos homens têm facilidade, (10%) têm “um pouco” de facilidade e (5%) não tem facilidade de escrever em língua portuguesa. Entre as mulheres o número de indígenas que têm facilidade de escrever em língua portuguesa é bem maior comparado ao dos homens, sendo este (90%), e (5%) têm “um pouco” de facilidade e outros (5%) não têm facilidade de escrever em língua portuguesa. Como observamos, a maioria dos entrevistados respondeu que escreve em português demonstrando que esta língua exerce uma função, proporcionando uma interação intergrupo bastante significativa nas relações dentro e fora da aldeia.

Na aldeia Anambé, pudemos constatar que a população, em sua maioria, escreve em português, os que possuem dificuldades em escrever em língua portuguesa são os Anambé da faixa etária (40+), fato este que se justifica por não terem passado por um processo de educação escolar.

Durante a pesquisa de campo, presenciamos que tanto na relação escolar, no posto de saúde, e na religião a presença da escrita em língua portuguesa é majoritária.

V – Língua mais fácil de aprender.

Tabela 18 - Língua mais fácil de aprender.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	–	–	–	02	02	11%
Portuguesa	05	05	03	03	16	89%
Ambas	–	–	–	–	–	
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 19 - Língua mais fácil de aprender.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	–	–	–	02	02	10%
Portuguesa	07	05	05	02	19	86%
Ambas	–	–	–	01	01	04%
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

Na aldeia Anambé, tanto os homens quanto as mulheres, em sua maioria, consideram a língua portuguesa mais fácil de aprender. Sendo assim, como constatamos nas tabelas (89%) dos homens e (86%) das mulheres consideram o fato citado. Já (11%) dos homens e (10%) das mulheres consideram a língua Anambé mais fácil de aprender, ressaltamos que esse percentual se refere a faixa etária (40+), pelo motivo que estes tiveram ao nascer o primeiro contato em língua Anambé, o que os difere das outras faixas etárias.

Esses dados comprovam que a língua mais fácil de ser aprendida é sempre a língua adquirida em casa com contato dos pais e também com o contato em comunidade. É preciso considerarmos que ao adquirir a língua materna, o indivíduo adquire também os valores sociais, a identidade e a cultura de seu povo.

3.4 Uso da língua e domínios sociais

Esta sessão aborda questões sobre o uso das línguas de acordo com os domínios sociais e tem como principal objetivo descrever e analisar o uso da língua Anambé e da língua portuguesa na modalidade oral na aldeia Anambé, levando em consideração os domínios sociais.

Segundo nossas observações, podemos afirmar que a língua portuguesa é a língua mais falada pelos indígenas na aldeia Anambé, sendo que, a língua Anambé nos domínios sociais só é usada pela população com 40 ou mais anos em relações intragrupo. Devido os vários casamentos mistos e a implantação e imposição da religião protestante na aldeia, bem como a relação econômica e social com os habitantes da vila Elim e da cidade de Mocajuba a língua portuguesa acabou se tornando oficialmente a língua mais falada pelos indígenas Anambé.

As questões que nos direcionam no diagnóstico do uso na língua de acordo com os domínios sociais foram estas:

- . Primeira língua adquirida na infância.
- . Língua usada em casa para falar com adultos.
- . Língua que fala mais confortavelmente.
- . Língua usada em casa para falar com crianças.
- . Língua usada em casa para escrever.
- . Língua usada no trabalho para falar com os colegas.
- . Língua falada com as pessoas da mesma idade na vizinhança.
- . Língua usada nas preces em casa.
- . Língua usada quando vai à igreja.
- . Língua usada durante as cerimônias na aldeia
- . Língua usada no trabalho para falar com o chefe.
- . Língua usada com mais frequência entre as crianças.
- . Língua usada com mais frequência entre os velhos.
- . Língua usada para o comércio.

I – Primeira língua adquirida na infância.

Tabela 20 - Primeira língua adquirida na infância.

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	–	–	–	04	04	22%
Portuguesa	05	05	03	–	13	72%
Ambas	–	–	–	01	01	06%
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 21 - Primeira língua adquirida na infância.

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	–	–	01	03	04	18%
Portuguesa	07	05	04	–	16	73%
Ambas	–	–	–	02	02	09%
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

Como observamos nas tabelas apenas 22% dos homens e 18% das mulheres tem como primeira língua adquirida na infância a língua indígena Anambé, sendo ainda estes da faixa etária 40 ou mais anos, exceto apenas uma indígena da faixa etária (19-39) anos.

Na aldeia Anambé, devido a muitas questões sociais, a língua portuguesa tem se tornado a primeira língua adquirida na infância. Segundo Hamel (1988), os indígenas são pressionados diariamente nos aspectos econômicos, políticos, culturais e linguísticos que os forçam a se comunicarem em língua portuguesa. Tal fato justifica os dados das tabelas acima.

Na próxima seção, apresentaremos os dados referentes à língua usada em casa para falar com os adultos.

II – Língua usada em casa para falar com adultos.

Tabela 22 - Língua usada em casa para falar com adultos.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	–	–	01	02	03	14%
Portuguesa	07	05	04	–	16	72%
Ambas	–	–	–	03	03	14%
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 23 - Língua usada em casa para falar com adultos.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	–	–	–	02	02	11%
Portuguesa	05	05	03	02	15	83%
Ambas	–	–	–	01	01	06%
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados da tabela referem-se à língua usada para falar com os adultos em casa. Essas tabelas demonstram que 83% dos indígenas do sexo masculino e 72% do sexo feminino usam a língua portuguesa para se comunicarem com os adultos. Já o número de indígenas que utilizam a língua Anambé para se comunicar com adultos em casa é de 11% do sexo masculino e 14% do sexo feminino, como observamos nas tabelas somente os indígenas adultos que ainda usam a língua Anambé para falar com adultos em casa. Ainda em relação as tabelas, observamos que 6% do sexo masculino e 14% do sexo feminino usam ambas as línguas para se comunicarem em casa com adultos.

Apresentaremos a seguir os resultados relacionados à língua que os falantes falam mais confortavelmente.

III – Língua fala com mais facilidade.

Tabela 24 - Língua fala com mais facilidade.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	–	–	–	03	03	17%
Portuguesa	05	05	03	02	15	83%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 25 - Língua fala com mais facilidade.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	–	–	–	02	02	10%
Portuguesa	07	05	05	02	19	86%
Ambas	–	–	–	01	01	04%
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

Quando questionados sobre qual língua falada com mais facilidade, a maioria dos entrevistados relatou que a língua portuguesa é usada com maior frequência, sendo 83% do sexo masculino e 86% do sexo feminino, ressaltamos que a maioria dos indígenas que afirmaram ter mais facilidade em falar língua portuguesa são as faixas etárias: 8-12; 13-18; 19-39. Já a população 40 ou mais anos afirmou que a língua Anambé é falada com mais facilidade entre eles, sendo 17% do sexo masculino e 10% do sexo feminino, como observamos os

Anambé 40 ou mais anos tem uma relação de grande afetividade com a língua materna, apresentando assim uma resistência linguística.

IV – Língua usada em casa para falar com crianças.

Tabela 26 - Língua usada em casa para falar com crianças.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	–	–	–	01	01	06%
Portuguesa	05	05	03	04	17	94%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 27 - Língua usada em casa para falar com crianças.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	–	–	–	01	01	05%
Portuguesa	07	05	05	04	21	95%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

Ao que concerne a língua falada em casa para falar com as crianças 94% dos Anambé do sexo masculino e 95% do sexo feminino afirmaram que a língua portuguesa predomina no domínio familiar. Já 6% do sexo masculino e 1% do sexo feminino usam a língua Anambé para falar com as crianças em casa, como observamos nos dados o percentual de indígenas que efetivamente usam a língua Anambé para falar com as crianças é muito baixo, em pesquisa muitos destes que não utilizam a língua Anambé para falar com as crianças, relataram que fizeram essa escolha pois nas relações sociais da aldeia: escola, posto de saúde, comércio com as comunidades próximas é a língua portuguesa que é utilizada, então eles preferiram fazer o

uso da língua portuguesa. Já os 11% que preferem usar a língua Anambé afirmam que ao transmitir a língua Anambé para as crianças, eles estão contribuindo para a manutenção da língua.

Albuquerque (2011, p.76) afirma que “as crianças refletem sobre sua língua desde muito cedo, essas crianças indígenas contam com uma grande capacidade de analisar a linguagem, aliás, é isto que elas fazem o tempo todo quando estão aprendendo a falar”. Infelizmente ainda são poucos adultos Anambé que tem incentivado as crianças no uso da língua, fato este que impossibilita a aquisição e manutenção da língua Anambé. Segundo Albuquerque (1999, p.50), “a transmissão da língua às crianças está diretamente relacionada as atitudes que se desenvolvem em relação aos dois grupos representados simbolicamente pela sua língua”. Apresentamos, a seguir, os dados referentes à língua usada para escrever quando estão em casa.

V – Língua usada em casa para escrever

Tabela 28 - Língua usada em casa para escrever.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	05	05	03	05	18	100%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 29 - Língua usada em casa para escrever.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	07	05	05	05	22	100%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

As tabelas acima nos mostram os resultados referentes a que língua os Anambé usam para escrever quando estão em casa. Como observamos 100% dos indígenas de ambos os sexos utilizam a língua portuguesa para escrever quando estão em suas casas. Infelizmente esses dados demonstram que até os entrevistados com 40 ou mais anos de idade não fazem uso da língua Anambé quando estão em suas casas.

Sabemos que o registro ortográfico é uma forma eficiente de conservação e manutenção da língua e a ausência desses materiais na aldeia Anambé refletem o pouco ou quase nenhum uso da escrita em língua Anambé dentro das casas deste povo.

A seguir apresentaremos os resultados da pesquisa relacionados à língua usada no trabalho para falar com os colegas.

VI – Língua usada no trabalho para falar com os colegas.

Tabela 30 - Língua usada no trabalho para falar com os colegas.

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	05	05	01	03	14	78%
Ambas	–	–	02	02	04	22%
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 31 - Língua usada no trabalho para falar com os colegas.

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	07	05	04	03	19	86%
Ambas	–	–	01	02	03	14%
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com os dados 78% dos homens e 86% das mulheres usam a língua portuguesa para falar com os colegas no trabalho.

Já 22% dos homens e 14% das mulheres usam ambas as línguas para falar com os colegas no trabalho. Um fator importante representado nesses dados é que nenhum entrevistado afirmou falar somente a língua Anambé nas relações de trabalho com os colegas. Ainda na entrevista de campo, quando foi questionado sobre esse assunto, os indígenas que afirmaram falar ambas as línguas, justificaram que não fazem o uso apenas da língua Anambé, pois muitos trabalham na agricultura e nem todos compreenderiam se usassem apenas a língua Anambé. Os indígenas que afirmaram fazer uso de ambas as línguas são os indígenas bilíngues. Para Vaid (2002), um falante bilíngue é aquele indivíduo que “conhece e usa duas línguas, as quais não seriam necessariamente utilizadas no mesmo contexto, nem dominadas com os mesmos níveis de proficiência” (VAID. 2002, apud ZIMMER, FINGER, SCHERER, 2008, p.5).

A seguir, demonstraremos por dados, qual é a língua escolhida pelos entrevistados para falar com as pessoas da mesma idade na vizinhança.

VII – Língua falada com as pessoas da mesma idade na vizinhança.

Tabela 32 - Língua falada com as pessoas da mesma idade na vizinhança.

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	05	05	01	03	14	78%
Ambas	–	–	02	02	04	22%
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 33 - Língua falada com as pessoas da mesma idade na vizinhança.

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	07	05	04	03	19	86%
Ambas	–	–	01	02	03	14%
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

Em se tratando da língua falada com as pessoas da mesma idade na vizinhança, os dados demonstram que 78% dos entrevistados do sexo masculino utilizam a língua portuguesa e 86% do sexo feminino também fazem uso da língua portuguesa para tal interação. Já 22% dos entrevistados do sexo masculino e 14% dos entrevistados do sexo feminino usam ambas as línguas para falar com as pessoas da mesma idade na vizinhança. Desta forma, podemos concluir que o povo Anambé não tem uma atitude positiva em relação a preservação de sua língua, quando a disposição destes em manter uma comunicação oral em sua própria língua não é evidenciada. Segundo Albuquerque, “ser o grupo estiver emocionalmente ligado à língua e se sentir orgulhoso dela e de sua herança cultural, ele não medirá esforços para mantê-la e repassá-la para seus descendentes” (ALBUQUERQUE, 1999, p.47).

Apresentamos, a seguir, os dados da pesquisa referentes à língua usada nas religiosidades em casa.

VIII – Língua usada nas religiosidades em casa.

Tabela 34 - Língua usada nas religiosidades em casa.

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	05	05	03	05	18	100%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 35 - Língua usada nas religiosidades em casa.

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	07	05	05	05	22	100%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com os dados, podemos afirmar que o caráter instrumental aponta para o desempenho que a língua portuguesa tem no povo Anambé. Assim, 100% dos entrevistados de ambos os sexos afirmam que usam a língua portuguesa nos atos de religiosidade em casa. Tais dados refletem a influência da religião protestante, mais precisamente da igreja evangélica Assembleia de Deus de Madureira, bem como a influência no percurso histórico do povo Anambé onde as autoridades governamentais, conduziam os indígenas a capital paraense para batizá-los na igreja católica, com nomes de santos da referida igreja, em língua portuguesa. Durante a nossa pesquisa, verificamos que ainda há a presença de rituais de cura no povo Anambé e que esses rituais não foram relatados pelos entrevistados, pois na aldeia as igrejas

cristsãs implantadas exercem um forte poder de silenciamento das práticas xamanísticas deste povo, porém não detalhamos tais especificidades, pois não é objetivo principal de nossa pesquisa.

A seguir, apresentamos os dados referentes à língua usada nas preces quando vai à igreja.

IX – Língua usada quando vai à igreja.

Tabela 36 - Língua usada quando vai à igreja.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	07	05	05	05	22	100%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 37 - Língua usada quando vai à igreja.

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	05	05	03	05	18	100%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Quando questionados sobre a língua usada quando vão a igreja, 100% dos Anambé, de ambos os sexos, afirmam que usam somente a língua portuguesa na igreja ressaltamos que a única igreja implantada na aldeia, foi a já referida igreja Assembleia de Deus de Madureira, essa em seus rituais e cultos faz uso apenas da língua portuguesa por meio de cantos, pregações, leituras de textos da bíblia, de forma a impor um uso linguístico que não valoriza os saberes, as vivências e a cultura do povo Anambé. Hamel (1988) afirma que é bastante improvável garantir

aos falantes de uma língua indígena que algumas atividades sejam realizadas em sua língua, independente do domínio em que eles estejam, podemos observar que na igreja dessa aldeia isso se comprova, pois o unanime número de falantes, que indicaram a língua portuguesa como sendo a língua utilizada na igreja.

Após examinarmos os dados sobre a língua usada em preces na igreja, vamos analisar os dados referentes à língua usada durante as cerimônias na aldeia.

X – Língua usada nas cerimônias da aldeia.

Tabela 38 - Língua usada nas cerimônias da aldeia.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	–	–	–	–	–	–
Ambas	07	05	05	05	22	100%
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 39 - Língua usada nas cerimônias da aldeia.

Faixa etária	8 – 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	–	–	–	–	–	–
Ambas	05	05	03	05	18	100%
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Ao que concerne a língua usada nas cerimônias da aldeia os dados demonstram algo muito interessante, pois 100% dos entrevistados, de todas as faixas etárias e sexo, afirmam que durante as cerimônias na aldeia fazem uso de ambas as línguas totalizando 100% dos entrevistados. Durante a pesquisa observei que as apresentações culturais e as cerimônias de posses e de lideranças, bem como as visitas de representantes políticos, são realizadas cerimônias na aldeia, onde cantos em língua Anambé, palavras de ordem e até orações são feitas em ambas as línguas, quer por representantes das religiões implantadas nas aldeias, quer por cantos e rituais realizados e coordenados pelos anciãos da aldeia.

Nesses momentos de cerimônias, nem mesmo a tentativa de silenciamento imposta pela religião faz com que os costumes, a cultura, a religiosidade, os saberes e a língua do povo Anambé sejam silenciadas.

Nas tabelas abaixo faremos uma abordagem acerca da língua usada para falar com o chefe no trabalho.

XI – Língua usada no trabalho para falar com o chefe.

Tabela 40 - Língua usada no trabalho para falar com o chefe.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	–	02	03	05	10	100%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	–	02	03	05	10	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 41 - Língua usada no trabalho para falar com o chefe.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	–	01	05	05	11	100%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	–	01	05	05	11	100%

Fonte: Elaboração própria.

Nas tabelas são demonstradas apenas as faixas etárias de 13-18, 19-39 e 40 ou mais anos, pois as crianças da faixa etária de 8 a 12 anos não trabalham. Conforme os dados observamos que 100% dos entrevistados, de ambos os sexos, usam a língua portuguesa no trabalho para falar com o chefe. Isso se justifica pois, geralmente em se tratando de trabalho os chefes nas relações econômicas usam a língua portuguesa como principal língua, assim de certa forma implicitamente fazendo com que os indígenas também se comuniquem usando a língua portuguesa.

Sendo a língua portuguesa a língua comercial essa necessidade de uso influencia nas questões econômicas e sociais. Hamel (1988, p.49) considera que os próprios indígenas já estão conscientes que as necessidades comunicativas deles chegaram ao ponto que somente as formas tradicionais de comunicação não contemplam todas as suas demandas, tanto de ordem linguística quanto de social e econômica.

Podemos então concluir que o uso da língua portuguesa no âmbito das relações econômicas, é um instrumento que auxilia as atividades entre os Anambé.

Nas tabelas abaixo, faremos uma abordagem sobre a língua falada com mais frequência entre as crianças.

XII – Língua falada com mais frequência entre as crianças.

Tabela 42 - Língua falada com mais frequência entre as crianças.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	07	05	05	05	22	100%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 43 - Língua falada com mais frequência entre as crianças.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	05	05	03	05	18	100%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

A respeito da língua falada entre as crianças, em ambos os sexos 100% dos entrevistados afirmam que as crianças usam com mais frequência entre elas a língua portuguesa. Tal fato se justifica, pois, a língua que predomina nas interações na comunicação familiar, bem como atualmente é a primeira língua adquirida na infância é a língua portuguesa. Ressaltamos que durante nossa pesquisa observamos que na interação dentro do espaço escolar as crianças usam algumas palavras em língua Anambé, tal uso é fruto do trabalho de ensino da língua indígena dentro do ambiente escolar, como forma de vitalização da língua do povo Anambé. Braggio (1997, p.6) evidencia sobre a importância de atentarmos a respeito do período de aquisição das línguas pela criança, pois isso é bastante importante para as crianças da linguagem e para a educação escolar indígena, onde a educação escolar indígena pode prover “instrumentos vitais para melhor pensar, implementar ou renovar programas bilíngues e interculturais”.

Sobre esse aspecto, Albuquerque (2011, p.79) afirma que “a interação social favorece a oralidade e conseqüentemente a escrita. Uma criança que não faz uso da linguagem oral terá bastante dificuldade na aquisição, pois uma complementa a outra”. Na escola Aipã Anambé, nos últimos anos, há um trabalho pedagógico que tenta criar mecanismo para que as crianças aprendam e percebam a importância da língua Anambé, tanto nos espaços escolares, quanto nos domínios sociais dentro da aldeia.

A seguir, apresentaremos os dados da pesquisa referentes à língua falada com mais frequência entre os velhos.

XIII – Língua falada com mais frequência entre os velhos.

Tabela 44 - Língua falada com mais frequência entre os velhos.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19- 39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	05	05	03	05	18	100%
Portuguesa	–	–	–	–	–	–
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 45 - Língua falada com mais frequência entre os velhos.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	07	05	05	05	22	100%
Portuguesa	–	–	–	–	–	–
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

Conforme demonstrado nas tabelas acima, a língua falada com mais frequência entre os velhos é a língua Anambé. Ressaltamos que por mais que esse questionamento retrate a língua mais falada pelos velhos, apresentamos nessa pesquisa dados referentes a todas as faixas etárias

pesquisadas, onde mesmo não pertencendo aos idosos da aldeia, os entrevistados das outras faixas etárias responderam conforme as observações que eles fazem no cotidiano da aldeia. Os indígenas mais velhos utilizam a língua portuguesa apenas em algumas situações específicas, tais como nas relações de comércio, nas relações com os mais novos que não falam a língua Anambé, na religião e com os visitantes que frequentam a aldeia. Sendo assim, 100% dos entrevistados afirmam que entre os velhos a língua fala com mais frequência é a língua Anambé.

Os resultados apontam que somente os idosos falam com frequência entre eles utilizando a língua Anambé, observando-se assim uma atitude linguística de apreço tomada pela comunidade Anambé, principalmente entre os indígenas mais jovens, em uma preferência linguística pela língua portuguesa, uma vez que é esta é a língua utilizada com maior frequência nos domínios sociais da aldeia.

A seguir, apresentaremos os dados relativos à língua usada para o comércio.

XIV – Língua usada para o comércio.

Tabela 46 - Língua usada para o comércio.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	–	05	03	05	13	100%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	–	05	03	05	13	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 47 - Língua usada para o comércio.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	–	05	05	05	15	100%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	–	05	05	05	15	100%

Fonte: Elaboração própria.

Quando questionados sobre qual língua é usada para as relações no comércio, 100% dos indígenas Anambé, de ambos os sexos, usam a língua portuguesa para o comércio. Tal fato se justifica, pois as relações comerciais entre os Anambé ocorrem principalmente com a cidade mais próxima que é Mocajuba, bem como a Vila Elim que faz parte do município de Moju. Não há dados referentes a faixa etária de 8-12 anos, pois as relações comerciais dos produtos de artesanato, ou da agricultura realizadas pelos indígenas, tem a participação apenas dos adultos, haja vista que tal relação comercial ocorre nos espaços fora da aldeia. Até a população mais velha faz uso da língua portuguesa nas relações de comércio, pois muitos dos entrevistados afirmaram que a escolha da língua depende do contexto onde ocorre a conversa e geralmente se dá fora da aldeia. Segundo Grosjean (1982), este fenômeno é muito importante pois demonstra a habilidade que o falante tem em alternar as línguas que ele domina. Conforme afirma o autor, este fato pode acontecer em várias situações e por diversos fatores, mas o principal fator é a interação.

A seguir, apresentaremos os dados referentes ao levantamento formal da receptividade da língua portuguesa pelos indígenas entrevistados na aldeia Anambé.

3.5 Levantamento formal da receptividade de língua portuguesa

Esta seção aborda a receptividade da língua portuguesa pelos indígenas da aldeia Anambé. Os resultados apontam para uma unânime aceitação dessa língua. Isso se justifica pelo fato de que em todos os domínios sociais a língua portuguesa é utilizada proporcionando a comunicação com a sociedade não indígena, bem como é a língua mais usada nas relações da educação escolar indígena, da religião e no uso para os cuidados da saúde.

Ressaltamos, que os indígenas entrevistados afirmam terem o domínio oral da língua portuguesa e justificam isso ao fato da necessidade do contato interétnico, fato este que infelizmente tem ocasionado a diminuição do número de falantes da língua Anambé.

A respeito da receptividade da língua portuguesa, os entrevistados responderam às seguintes questões:

- . Língua mais bonita
- . Língua usada quando está bravo
- . Língua que deve ser ensinada na escola
- . Língua mais importante
- . Língua preferida para leitura

- . Língua preferida para escrita
- . Língua falada com pessoas das outras aldeias
- . Língua usada quando vai ao posto de saúde

I – Língua mais bonita.

Tabela 48 - Língua mais bonita.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	05	03	03	05	16	89%
Portuguesa	–	02	–	–	02	11%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 49 - Língua mais bonita.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	07	05	05	05	22	100%
Portuguesa	–	–	–	–	–	–
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

Os dados apresentados nas tabelas nos mostram que 100% das indígenas entrevistadas acham a língua Anambé mais bonita. Já entre os indígenas do sexo masculino, 89% afirmam que a língua Anambé é a mais bonita e 11% afirmam que a língua portuguesa é a língua mais bonita, enfatizamos que este percentual de 11%, ocorreu apenas entre a faixa etária de 13-18 anos, segundo algumas explicações dadas no momento da entrevista, foi relatado por estes que, tal escolha como a língua portuguesa a língua mais bonita se dá pela necessidade de ter um domínio da língua oral e da língua escrita para conseguir entrar em uma universidade.

Outro fator importante que observamos é que por mais que dados já analisados nas tabelas anteriores apontam que a língua Anambé não seja a principal língua utilizada em vários domínios sociais, os dados comprovam que o povo Anambé acha a sua língua a língua mais bonita e que infelizmente, atualmente esta língua não é a língua de domínio social por fatores externos.

A seguir, analisaremos os dados referentes aos usos da língua dos entrevistados quando estão bravos.

II- Língua usada quando está bravo.

Tabela 50 - Língua usada quando está bravo.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	–	–	–	02	02	11%
Portuguesa	05	05	03	03	16	89%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 51 - Língua usada quando está bravo.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	–	–	–	02	02	09%
Portuguesa	07	05	05	03	20	91%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

Conforme mostram as tabelas acima apenas 11% dos entrevistados do sexo masculino e 09% dos entrevistados do sexo feminino usam a língua Anambé quando estão bravos, conforme os dados da nossa pesquisa, observamos que tal ocorrência acontecem especificamente na faixa etária 40 ou mais anos em ambos os sexos. Já 89% dos entrevistados do sexo masculino e 91% dos entrevistados do sexo feminino usam a língua portuguesa nos momentos em que estão bravos.

Apresentaremos a seguir, os resultados sobre a língua que deve ser ensinada na escola.

III – Língua que deve ser ensinada na escola.

Tabela 52 - Língua que deve ser ensinada na escola.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	–	–	–	–	–	–
Ambas	05	05	03	05	18	100%
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 53 - Língua que deve ser ensinada na escola.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	–	–	–	–	–	–
Ambas	07	05	05	05	22	100%
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

Os dados que 100% dos entrevistados, tanto do sexo masculino, quanto do sexo feminino em todas as faixas etárias afirmam que ambas as línguas devem ser ensinadas na escola. Esses 100% de afirmações sobre o uso de ambas as línguas demonstram que há um forte interesse do povo indígena Anambé pela vitalização de sua língua. Durante a pesquisa, observamos o quanto há esse esforço, mesmo com a carência de recursos materiais e de registros em língua Anambé, pela vitalização linguística por meio da educação escolar indígena.

Mesmo acreditando que o ensino da língua portuguesa na escola é de fundamental importância, os entrevistados afirmam que ensinar a língua Anambé é uma forma de garantir a preservação da língua e dos costumes deles, daí a importância do estudo nas duas línguas. Albuquerque (2011, p.74) considera que “o ideal é que se use a língua indígena como meio de instrução por um período de cinco anos e que seja implementado o uso funcional da língua escrita na comunidade”.

Segundo Braggio (1997, p.6) os grupos minoritários, como é o caso dos indígenas, precisam dominar a língua portuguesa não somente para ter contato com a sociedade majoritária, mas também para agir dentro dessa sociedade e poder participar dos “seus vários discursos, orais ou escritos”.

Em entrevista de campo, ouvimos alguns relatos onde os entrevistados nos afirmaram que o ensino das duas línguas é direito dos alunos. A Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996), trata deste assunto no artigo 23º o qual diz que o ensino das línguas nas escolas deve garantir a conservação e o desenvolvimento linguístico da sociedade em questão e esse ensino deve evitar que haja a valorização de uma língua em detrimento da outra.

Apresentaremos, a seguir, os dados referentes à qual língua os indígenas entrevistados acham mais importante.

IV - Língua mais importante.

Tabela 54 - Língua mais importante.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	05	05	03	05	18	100%
Portuguesa	–	–	–	–	–	
Ambas	–	–	–	–	–	
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Quando questionados sobre qual língua os entrevistados acham mais importante, verificamos em dados quantitativos, que 100% dos entrevistados do sexo masculino, e 95% dos entrevistados do sexo feminino afirma que a língua Anambé é a língua mais importante. Em dados qualitativos muitos indígenas relataram que mesmo a língua portuguesa, por questões históricas, econômicas, sociais e religiosas ser a língua de maior domínio social na aldeia, para eles a língua Anambé continua sendo a língua mais importante.

Ainda em dados quantitativos, observamos que 05% dos entrevistados do sexo feminino afirmaram que a língua portuguesa é a língua mais importante. Ressaltamos que tal ocorrência se deu na faixa etária 19-39 anos.

Sendo assim, concluímos com base nos dados e relatos, que mesmo a língua portuguesa sendo vista como uma ferramenta que deve ser apreendida, pois segundo os entrevistados ela proporciona melhorias econômicas na aldeia, a língua Anambé é considerada a língua mais importante pelos entrevistados, refletindo assim o interesse pela vitalização⁶ e preservação da cultura e dos costumes dos Anambé.

A seguir, veremos os dados referentes a preferência de língua para a leitura.

V – Língua preferida para leitura.

Tabela 55 - Língua preferida para leitura.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	07	05	05	05	22	100%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

⁶ A tarefa de vitalização das línguas ameaçadas de extinção consiste de maneira geral, no desenvolvimento de ações que objetivam trazê-las, novamente, ao nível de utilização dentro de suas comunidades e que encontram, essencialmente na transmissão das línguas para gerações futuras, chances reais para o não desaparecimento delas (HINTON, 2001).

Tabela 56 - Língua preferida para leitura.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	05	05	03	05	18	100%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

As tabelas demonstram que 100% dos entrevistados, de ambos os sexos e todas as faixas etárias pesquisadas, preferem ler em português. Tais dados refletem vários fatores, como: a carência de materiais escritos em língua Anambé, o modelo de educação escolar indígena pautado na língua majoritária, a presença da igreja evangélica, a qual utiliza textos sagrados em língua portuguesa.

Além disso, a maior parte dos falantes da língua Anambé, que está na faixa etária 40 ou mais anos, não tem acesso a registros de textos escritos em língua Anambé, fato este que justifica a preferência tabulada nos dados quantitativos demonstrados nas tabelas.

Por meio de comentários feitos durante as entrevistas, pudemos observar também que a leitura em Língua Portuguesa é valorizada também por possibilitar o acesso a documentos oficiais nacionais, a receitas emitidas no posto de saúde, bem como as informações que chegam à aldeia por meio de textos escritos. Quanto à escola, atualmente, observamos que já há registros em cartazes, placas, materiais didáticos na língua Anambé e na língua portuguesa, buscando assim vitalizar e valorizar a identidade e a cultura deste povo.

Na escola o uso da língua Anambé, pode configurar-se como suporte para manutenção e vitalização desta língua. Segundo o RCNEI (1998, p.119), nas aulas ministradas em língua indígena

os alunos aumentarão sua competência oral em língua indígena, pois aprenderão a utilizá-la também para falar sobre os novos conhecimentos adquiridos, em vez de terem que recorrer ao português para isso. A língua indígena ficará, assim, mais forte, pois passará a ter mais uma função importante, aquela própria do espaço escolar (RCNEI, 1998, p.119).

Desta forma, a vitalização linguística será possível e os alunos poderão aprender os conhecimentos da sociedade brasileira sem necessariamente fazer uso da língua portuguesa como prioritária.

Analisaremos, a seguir, os dados referentes à língua de preferência para escrever entre os entrevistados da língua Anambé.

VI – Língua preferida para escrita.

Tabela 57 - Língua preferida para escrita.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	05	05	03	05	18	100%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 58 - Língua preferida para escrita.

Faixa etária	8 - 12	13 - 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	07	05	05	05	22	100%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

Ao questionarmos sobre a língua preferida para a escrita, 100% dos homens e das mulheres afirmaram que a língua portuguesa é a língua preferida para a escrita. Podemos verificar durante a pesquisa que na escola Aipã Anambé todos os professores não indígenas só realizam atividades escritas em língua portuguesa, e somente um professor indígena tem

realizado atividades escritas na língua Anambé. Observamos também que na escola há materiais em língua Anambé e em língua portuguesa, porém os livros didáticos recebidos pela Secretaria Municipal de Educação, são totalmente escritos em língua portuguesa.

Sabemos que a produção escrita tem um valor significativo para os indígenas, pois contribuem para a vitalização da língua deste povo, possibilitando o conhecimento mais preciso de sua língua e aumentando a capacidade dessa língua.

Ainda em pesquisa de campo observamos o trabalho realizado pelo professor indígena em todas as turmas, de ensino da língua Anambé. Ressaltamos que tal trabalho tem apontado a resultados significativos para uma vitalização, mesmo que paulatinamente, da língua Anambé.

De acordo com RCNEI (1998, p.119), na escola, a língua indígena deve ser a língua de instrução escrita, principalmente quando forem trabalhados os conhecimentos étnicos e científicos tradicionais. Pois, essa prática poderá contribuir com a ampliação das funções sociais da escrita em língua indígena, considerando que a escola é o espaço ideal e indicativo para incentivar e fortalecer esse processo.

Durante a pesquisa de campo, observamos o trabalho de ensino da língua Anambé, por meio de cantigas, jogos indígenas, danças e outras formas de valorização da cultura que possibilitam uma vitalização linguística.

A seguir, discorreremos sobre a língua falada com as pessoas das outras aldeias.

VII – Língua falada com as pessoas das outras aldeias.

Tabela 59 - Língua falada com as pessoas das outras aldeias.

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	05	05	03	05	18	100%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	05	05	03	05	18	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 60 - Língua falada com as pessoas das outras aldeias.

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	07	05	05	05	22	100%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	07	05	05	05	22	100%

Fonte: Elaboração própria.

Os dados referentes à língua usada para falar com as pessoas de outras aldeias, demonstram que somente é utilizada a língua portuguesa. Os 100% de entrevistados de ambos os sexos que afirmaram somente usar a língua portuguesa para relações com indígenas de outras aldeias, justificaram que tal escolha se dá por questões geográficas, pois não há aldeias próximas a aldeia Anambé e por questões de família linguísticas, pois as aldeias em que raramente os indígenas Anambé mantêm contato, os falantes usam línguas diferentes da língua do povo Anambé.

Na seção seguinte, analisaremos os resultados da pesquisa relacionados à língua usada pelos Anambé quando vão ao posto de saúde.

VIII – Língua usada quando vai ao posto de saúde.

Tabela 61 - Língua usada quando vai ao posto de saúde.

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Masculino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	05	05	03	05	18	100%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	05	05	03	05	18	100%

Tabela 62 - Língua usada quando vai ao posto de saúde.

Faixa etária	8 - 12	13 – 18	19-39	40 +	Total	%
Feminino						
Anambé	–	–	–	–	–	–
Portuguesa	07	05	05	05	22	100%
Ambas	–	–	–	–	–	–
Total	07	05	05	05	22	100%

De acordo com os dados das tabelas, podemos constatar que, no posto de saúde da aldeia Anambé, 100% dos homens e das mulheres, independente de faixa etária, adotam somente a língua portuguesa para falar com a enfermeira do posto de saúde. Tal fato se justifica, pois, de acordo com relatos dos indígenas entrevistados, desde que foi criado o posto de saúde na aldeia, nenhum enfermeiro, médico ou técnico de enfermagem que atendem ou atenderam no posto de saúde falava a língua Anambé.

Diante desses relatos, concluímos que a língua a ser usada no posto de saúde depende diretamente da língua falada pelos funcionários do posto de saúde, tal fato fez com que durante o percurso histórico do povo Anambé os indígenas tivessem que recorrer à Língua Portuguesa para se comunicarem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso trabalho, analisamos e descrevemos os aspectos sociolinguísticos dos Anambé. Por meio dos dados, que foram registrados através de um questionário sociolinguístico, demonstramos que os Anambés, principalmente os mais jovens, possuem a facilidade linguística apenas em língua portuguesa, já os Anambé idosos possuem facilidade linguística em Língua Anambé e em Língua Portuguesa, os quais demonstram receptividade e uso de ambas as línguas em diversos domínios sociais da aldeia. A análise dos dados foi realizada e fundamentada na Sociolinguística quali-quantitativa, para que pudéssemos melhor compreender e descrever a situação sociolinguística desse povo.

Pretendemos, com nosso trabalho, contribuir com a educação escolar indígena Anambé, proporcionando aos professores da escola Aipã Anambé o conhecimento da situação sociolinguística, para que tal conhecimento dessa realidade possa cooperar com a promoção de ações de vitalização e uso da língua Anambé em todos os domínios sociais, em especial, na escola onde há aula de cultura e língua Anambé buscando garantir a esse povo uma educação bilíngue, específica e diferenciada, que valoriza a língua, a cultura e que contemple as necessidades desse povo.

Sobre a facilidade linguística em Língua Anambé, os resultados comprovam que nas relações intragrupos, usam principalmente a Língua Portuguesa.

Nossos dados comprovam, ainda, que a situação de conflito linguístico-intercultural em que se encontra a aldeia Anambé, necessita urgentemente de uma vitalização linguística para que tal língua indígena não venha a ser extinta.

Esta pesquisa aponta elementos preliminares importantes para aqueles que pretendem lançar seus estudos em processos de revitalização. No caso da comunidade Anambé a situação sociolinguística se apresenta da seguinte forma: as crianças, adolescentes e jovens demonstram uma preferência por falar e escrever em língua portuguesa, já os Anambé acima dos 40 anos de idade em suas atitudes linguísticas que são determinadas pelas suas relações sociais apresentam preferência na interação pela utilização da língua portuguesa, com exceção dos idosos que preferem nas relações dentro do grupo em se comunicar na língua Anambé.

Embora este trabalho apresente elementos que proporcione a observação de fatores que caracterizam uma língua em plena extinção, há nele um ponto de esperança para os que defendem a manutenção das línguas, pois nesta pesquisa existe a presença de atitude positiva dos informantes em relação à língua Anambé manifestada nos discursos das entrevistas e nos dados tabulados e analisados.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marta Virgínia de Araújo Batista. **Situação Sociolinguística dos Krahô de Manoel Alves e Pedra Branca:** Uma Contribuição para Educação Escolar. Dissertação de Mestrado. 2012. Disponível: <http://www.uft.edu.br/lali>. Acesso 31-ago-2021.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; YAHÉ KRAHÔ, Renato. **Gramática Pedagógica Krahô.** Francisco Edviges Albuquerque e Renato Yahé Krahô (Orgs.) Campinas/SP: Pontes Editores, 2016, 163p. ISBN: 9788571136977.

_____. Índios do Tocantins: aspectos históricos e culturais. In: Norma Lucia da Silva e Martha Victor Vieira. (Org.). Ensino de História e Formação Continuada: teorias, metodologias e práticas. 1ed.Goiânia: Editora da PUC de Goiás, 2013, v. 01, p. 135-158.

_____. **Educação Escolar Apinayé Bilingüe e Intercultural.** In: Dernival Venâncio Ramos; Karylleila dos Santos Andrade; Maria José de Pinho. (Org.). Ensino de Língua e Literatura: Reflexões e perspectivas interdisciplinares. 1ª ed. Campinas /SP: Mercado das letras, 2011, v. 1. 2.

_____. **A ordem dos nomes, verbos e modificadores em Apinayé.** Anais do VII Congresso Internacional da Abralín. v. único, p. 1660-1570, 2011. <http://www.abralin.org/>.

_____. **Gramática Pedagógica da Língua Apinajé.** Francisco Edviges Albuquerque (coord.). – Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011. 140 p. ISBN 978-85-7103-713-7.

_____. **Aspectos do Processo de Educação Escolar Bilingüe dos Apinayé.** Cadernos de Educação Escolar Indígena - PROESI. Organizadores Elias Januário e Fernando Selleri Silva. Barra do Bugres: UNEMAT, v. 6, n. 1, 2008.

_____. **Contribuição da Fonologia ao Processo de Educação Indígena Apinayé.** Tese de Doutorado. UFF – Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2007.

_____. **Contato dos Apinayé de Riachinho e Bonito Com o Português:** Aspectos Da Situação Sociolinguística. Dissertação de Mestrado. UFG - Universidade Federal de Goiás. Goiânia: 1999.

ALMEIDA, Severina Alves de. **Etnossociolinguística e Letramentos:** Contribuições para um Currículo Bilingüe e Intercultural Indígena Apinajé Tese de Doutorado. Orientadora: Rosineide Magalhães De Sousa. Brasília, 2015. 358 p. Disponível: www.unb.br. Acesso: 12-jan-2021.

ALMEIDA, Severina Alves de; SOUSA, Rosineide Magalhães de; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; SILVA, Ângela Maria; SILVA, Denyse Mota. **Etnossociolinguística e Transdisciplinaridade na Realidade Indígena Apinayé:** A Lógica do Terceiro Incluído. JNT - Facit Business and Technology Journal - ISSN: 2526-4281 QUALIS B1. Fevereiro 2021 - Ed. Nº 23. Vol. 1. Págs. 153-172. Disponível: <http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT>. Acesso em: 27-jul-2021.

ALMEIDA, Severina Alves de. Et All. **Língua e Identidade Apinayé**: Diálogos Socio e Etnolinguísticos. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. ISSN: 2526-4281 E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br. 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 32. V. 1. Págs. 418-443. Disponível: <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. Acesso em: 14-mai-2022.

ALMEIDA, Severina Alves de (Sissi). ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; PINHO, Maria José de. **Transdisciplinaridade e Educação Intercultural**: A Formação do Professor Indígena Apinayé em Perspectiva. RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, Brasil - e-ISSN: 1982-5587. Págs.804-825. Disponível: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/4693>. Acesso em: 01-abr-2022.

ALMEIDA, Severina Alves de. **Etnossociolinguística e Letramentos**: Contribuições Para Um Currículo Bilíngue e Intercultural Indígena Apinajé. UNB, Brasília, 2015. 358 p.

ALMEIDA, Severina Aves de. **A Educação Escolar Apinayé de São José e Mariazinha**: um estudo sociolinguístico. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2012.

_____, Severina Alves de. ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. **Educação bilíngue, bilinguismo e interculturalidade no contexto escolar Apinayé**: o professor de língua materna em perspectiva. Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB). Anais Eletrônicos do IX Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, 2011.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 11ª ed. Campinas-SP: Papyrus, 2004.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **A Pesquisa sobre Formação de Professores no Brasil 1990/98**. In: CANDAU, Vera Maria et al. Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

ARAÚJO, Marcilene de Assis Alves. **Eventos de Interação nos Rituais Krahô (Jê)**: Contribuições para o Ensino Bilíngue na Aldeia Manoel Alves Pequeno. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Tocantins. UFT. 2015. Disponível: <http://www.uft.edu.br/lali>. Acesso 31-jul-2020.

ARENDT, Hannah. **O Conceito de História**: Antigo e Moderno. In: Entre o passado e o futuro. 4ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, [1954(1997)].

ARNAUD, Expedito Coelho. **Relatório da viagem efetuada a aldeia do “Turiuara”, no rio Cairari**. Belém: [s.n], 9 de dez. 1948.

ARNAUD, Expedito; GALVÃO, Eduardo. Notícia sobre os índios Anambé (Rio Cairari, Pará). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. N.S. Antropologia**, Belém, n.42, n.5, set. 1969.

ARRUTI, J. M. P. A. **O reencantamento do mundo: trama histórica e Arranjos territoriais Pankaruru. 1996**. 247 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, RJ.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Dialogismo e criação do sentido** - 2ª ed. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BAUER, M. W. e AARTS, B. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Editora Vozes (2002).

BECCARI, Alessandro J. **O protoindo-europeu**: ancestral hipotético do português. a Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Núcleo Integrado de Comunicação. Disponível: <http://www2.assis.unesp.br/jnc/2015agosto/files/assets/common/downloads/page0002.pdf>. Acesso em: 26-abr-2022.

BEAUREPAIRE, Luiz Guilherme de. Resenha do Livro Resenha do livro “Os índios e a Civilização” de Darcy Ribeiro (2019, s/p). Disponível: <https://www.bonslivrosparaler.com.br/livros/resenhas/os-indios-e-a-civilizacao/5296>. Acesso em: 27-mar-2022.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; MEDEIROS, Juliana Schneider. **História, memória e tradição na educação escolar indígena**: o caso de uma escola Kaingang. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 30, nº 60, p. 55-75 – 2010. Disponível: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 01-abr-2020.

BONILHA, A. L. L. **Reflexões sobre análise em pesquisa qualitativa [editorial]**. Rev Gaúcha Enferm., Porto Alegre (RS) 2012 mar; 33(1):8. Disponível: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 28-jul-2021.

BLOOMFIELD, Leonarde. **Language**. London: Allen & Unwin, 1935.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do Campo Para a Cidade**: Estudo Sociolinguístico de Migração e Redes Sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna**: A Sociolinguística na Sala de Aula. São Paulo: Parábola Editora, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O Professor Pesquisador**. São Paulo, Parábola, 2008. 135p.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Da Cultura de Oralidade para a Cultura Letrada: A Difícil Transição. In: CAVALCANTI, M. e BORTONI-RICARDO, S. M. **Transculturalidade, Linguagem e Educação**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Pesquisa qualitativa e a prática do professor. In: **Projeto de formação continuada para professores do ensino médio, área de língua portuguesa e literatura**. Estado do Ceará. Brasília: CEAD, 2006.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editora, 2005.

BOUDIN, Max Henry. Aspectos da vida tribal dos índios Fulniô. Cultura, Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Saúde, v. 1, n. 3, 1949. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:boudin-1949-aspectos>. Acesso em 14 jan.2022

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** (IBGE). Versão on-line. Disponível: <https://www.ibge.gov.br/>

BRASIL. **Plano Nacional de Educação. 2010.** O Congresso Nacional decreta: Art. 1º Fica aprovado o Plano Nacional de Educação, constante do documento anexo, com duração de dez anos. Disponível on-line: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>. Acesso: 26-out-2021

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Indígena.** Brasília: MEC/SEF, 2002.

_____. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **PDE - Plano Nacional de Educação.** Brasília: MEC, 1998.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96.** São Paulo: SINPRO, 1996.

_____. **Decreto nº 26, de 04 de fevereiro de 1991** – Transfere a atribuição de oferta da educação escolar em escolas indígenas para secretarias estaduais. Brasília: MEC, 1991. Disponível: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1991/decreto-26-4-fevereiro-1991-342604-norma-pe.html>.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil.** (CRFB/88). Versão on-line. Disponível: www.senadofederal.org.br.

BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. Contato entre línguas: subsídios para a educação escolar indígena. **Revista do Museu Antropológico.** v. 1, n. 1/2, Goiânia, p. 121-134, 2000.

BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. Aquisição e Uso de Duas Línguas: Variedades, Mudança de Código e Empréstimo. **Revista do Abralin,** número especial dedicado a Aryon D. Rodrigues, n. 20, UFAL, 1997.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística:** uma introdução crítica. Tradução: Marcos Marciolino. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística:** uma introdução crítica. Tradução: Marcos Marciolino. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2007.

CÂMARA JR, Mattoso. **Introdução às línguas indígenas brasileiras.** Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, Museu Nacional, 1965.

CAMARGO, Acácio Tadeu de. **Música indígena brasileira:** Território Scuola. 2006. Disponível on-line: www.territorioscuola.com. Acesso:13-jan-2021.

CANDAU, Vera Maria (Org.). Reinventar a escola. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

CANDAU, Vera Maria (Org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009

CANDAU, Vera Maria (Coord.). **Multiculturalismo, direitos humanos e educação: a tensão entre igualdade e diferença**: relatório de pesquisa. Rio de Janeiro: CNPq/Departamento de Educação, PUC-Rio, 2008b.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

CARDOSO, Ana Paula Lima Barbosa. **Etnografia e educação**: caminhos que se entrecruzam. Fortaleza: UEC, 2009.

CAVALCANTI, Marilda C. **Um Olhar Metateórico e Metametodológico em Pesquisa em Linguística Aplicada**: Implicações éticas e políticas. In: MOITA LOPES, Luiz da. (Org). Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

COELHO, Luís Fernando Hering. A Nova Edição De Why Suyá Sing, de Anthony Seeger, e Alguns Estudos Recentes Sobre Música Indígena Nas Terras Baixas da América do Sul. **MANA** **13(1)**: 237-249, 2007. Disponível on line: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v13n1/a09v13n1.pdf>. Acesso dia 18-mai-2021.

COLLET, Celia Letícia Gouvêa Collet. Interculturalidade e educação escolar indígena: um breve histórico. In: **Formação de professores indígenas**: repensando trajetórias / Organização Luís Donisete Benzi Grupioni. – Brasília: 2006.

CUNHA, José Joaquim da. **Fala que o Exm. Sr. Presidente da Provincial dirigido à Assembleia Legislativa Provincial**. Belém: [s.n], 15/08/1988.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando**: Uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 2010

DA MATTA, Roberto. Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinayé. Petrópolis: Ed. Vozes, 1976

D'ANGELIS Wilmar R. Educação escolar indígena: um projeto étnico ou um projeto étnico-político? In: Veiga, Juracilda; Salanova, Andrés (Orgs.) **Questões de educação escolar indígena**: da formação do professor ao projeto de escola. / Darlene Taukane... (et al). - Brasília: FUNAI/DEDOC, Campinas/ALB, 2001. 172p. Disponível: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/educacao_indigena/questoes_de_educacao_escolar_indigena.pdf. Acesso em: 12-1br-2022.

DANIEL MUNDURUKU. **Entrevista concedida ao Jornal “O Globo”**. 19/04/2019. Disponível: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/19/dia-do-indio-e-data-folclorica-e-preconceituosa-diz-escritor-indigena-daniel-munduruku.ghtml>. Acesso em: 26-mar-2022.

DAVID KARANJA. **Diferença entre etnografia e etnologia**. 2019. Disponível: https://www.ehow.com.br/diferenca-entre-etnografia-etnologia-info_69057. Acesso em: 25-jul-2021.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Aspectos de Etnolinguística – a Toponímia Carioca e Paulistana – contrastes e confrontos. Seção Textos – **Toponímia**, nº 56 p. 180-191, dez./2002-fev./2003. Disponível: www.usp.br/revistausp. Acesso: 20-abr-2021.

DIETRICH, Wolf. **O tronco tupi e as suas famílias de línguas**. Classificação e esboço tipológico. In Noll, Volker & Wolf Dietrich (org.). 2010. **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto. Disponível: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Adietrich-2010-tupi/Dietrich_2010_O_tronco_tupi.pdf, Acesso em: 25-abr-2022.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística**. 5ª. ed. São Paulo: Cutrix, 1998.

EHRENREICH, Paul. Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens vornehmlich der staaten Matto Grosso, Goyaz uns Amazonas (Purus-Gebiet) – nach eigenen aufnahmen und beobachtungen in den jahren 1887 bis 1889. Berlin: Braunschweig, 1897.

ERICKSON, Frederick. **Etnografia e Educação**. Texto traduzido com autorização do autor, por Carmen Lúcia Guimarães de Mattos. Foi originariamente publicado sob o título Ethnographic Description no Sociolinguistics – Na International Handbook of the Science of Language and Society, e editado por Herausgegeben Von Ulrich Ammon, Norbert Dittmar Klaus J. Mattheir, Vol. 2 Walter de Gruyter, Berlin. New York, p. 1081-1095. 1988.

ERICKSON, Frederick. **What makes school ethnography ethnographic?** Anthropology & Education Quarterly, volume 15, 1984.

ESCLONA, Sara López. **Antropologia y Educacion**. Trad. Euclides Carneiro da Silva. Edições Paulinas, 1983. Texto da contracapa.

FRANCO, Thiago. Aldeia digital. O protagonismo ameríndio nas redes, a partir da experiência Krahô. e-ISSN: 1605 -4806. Vol. 24 nº 111 Mayo - agosto 2021. Monográfico pp. 33-46. <https://doi.org/10.26807/rp.v25i111.1771>

FLEURI, Reinaldo Matias. (Org). **Educação Intercultural: Mediações Necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

FLORY, Elizabete Villibor & SOUZA Maria Thereza Costa Coelho de. **Bilinguismo: Diferentes definições, diversas implicações**. Revista Intercâmbio, volume XIX: 23-40, 2009. São Paulo: LAEL/PUC-SP. Disponível em: www.pucsp.br.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Ed. Vozes, 1997.

FIGUEIROA, Ester. **Socioinguistic Metatheory**. Oxford: Pergamon Press, 1994. p 204.

FIGUEIREDO, Napoleão. **Os Anambé**. Belém: [s.n.t.].

FIGUEIREDO, Napoleão. **Os Anambé**. Cultura Indígena: textos e catálogos. Belém: Conselho Nacional de Desenvolvimento e Pesquisa; Museu Paraense Emílio Goeld, p. 73-77, 1983.

FIGUEIREDO, Napoleão; FOLHA, Maria Helena. **Catálogo da coleção etnográfica indígena**. Maceió: Instituto Histórico Geográfico de Alagoas, 1977.

FIGUEIREDO, Napoleão; **L'ultima frontiera: gli Indios Ananbè dell' Alto Cairari**. Genova: Associazione Italiana Studi Americanistici, 1984. (Terra Ameriga, n. 43).

FISHMAN, Joshua Aaron. **Language Maintenance, Language Shift, and Reversing Language Shift**. In: BHATIA, Tej K. & RITCHIE, William C. (Eds.). *The handbook of bilingualism*. Malden; Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2006, p. 406-436.

FISHMAN, Joshua Aaron. Bilingualism and biculturalism as individual and as societal phenomena. **Journal of Multilingual and Multicultural Development**. 1980, v.1, nº 1.

FISHMAN, Joshua Aaron. The Relationship Between Micro-and Macro-Sociolinguistics in the study of Who Speaks What Language to Whom and When. **Journal of Social Issues**, v. 23, n. 3, 1967.

FISHMAN, Joshua Aaron. Bilingualism With and Without Diglossia; Diglossia with and Without Bilingualism. **Journal of Social Issues**, v. 23, n. 2, p. 29-37, 1967a.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Sergio Faraco (Tradutor), Ana C. Zelada (Arte de Capa), Rompo (Arte de Capa). Ed. L&PM. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRALDIN, Odair; TEWAXI JAVAÉ, Ricardo. Rede de histórias dos povos que deram origem ao povo Iny/Javaé. **Revista Antropológica da UFSCAR**. R@U, 11 (2), jul./dez. 2019: 51-68. Disponível: <http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2020/06/2.pdf>. Acesso em: 31-mar-2022.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia: Ciência do Homem, Filosofia da Cultura**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

GOMES KARAJÁ, Adriano Dias; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves. **A Situação Sociolinguística dos Indígenas Karajá-Xambioá: Contribuições para a Educação Escolar**. JNT Facit Business and Technology Journal. Disponível: <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 32. V. 1. Págs. 4-81. Acesso em: 31-mar-2022.

GOMES KARAJÁ, Adriano Dias. **Aspectos territoriais e culturais do povo Karajá-Xambioá**. In: **XVIII Encontro Nacional de Geógrafos – ENG - A construção do Brasil: geografia, ação política e democracia**. 2016, São Luís – MA, de 24 a 30 de julho de 2016. Disponível em: <https://www.eng2016.agb.org.br/>. Acesso em 15 mar.2022

GOMES, Raíssa. **Consolidação histórica do tronco linguístico Macro-Jê**. Pesquisa Desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras da UnB, realizada por Andrey Nikulin. 2021. Disponível: <https://unbciencia.unb.br/artes-e-lettras/107-lettras>. Acesso em: 26-abr-2022.

GONÇALVES, A. F. (2016). **ETNOGRAFIA, ETNOLOGIA & Amp; TEORIA ANTROPOLÓGICA**. REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - POLÍTICA & Amp; TRABALHO, 1(44). Recuperado de <https://periodicos.ufpb.br>. Acesso em 24-jul-2021.

GROSJEAN, François. *Bilingual: Life and reality*. Harvard: **University Press**, 2010. Disponível: www.francoisgrosjean.ch. Acesso: 04-ago-2011. 13:40h.

GROSJEAN, François. Individual Bilingualism. In *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Pergamon Press, 1994 and in Spolsky, B. (Ed.). **Concise Encyclopedia of Educational Linguistics**. Oxford: Elsevier, 1999. Disponível: <http://www.bilingualfamiliesconnect.com>. Acesso: 24-fev-2011. 12:15h.

GROSJEAN, François. **Individual Bilingualism**. In *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Pergamon Press, 1994. http://www.bilingualfamiliesconnect.com/Individual%20Bilingualism_Francois%20Grosjean.pdf. Acesso em: 24-abr-2022.

GROSJEAN, François. **Life with two languages: an introduction to bilingualism**. Harvard: University Press, 1982.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Os povos Indígenas e a Escola Diferenciada: Comentários sobre alguns instrumentais jurídicos internacionais**. In: GRUPIONI, L.D.B.; VIDAL, Lux; FISCHMANN, Roseli. (Org). *Povos Indígenas e Tolerância construindo práticas de respeito e solidariedade*. São Paulo: EDUSP, 2001a.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Índios: Passado, Presente e Futuro**. In: Secretaria de Educação a Distância Esplanada dos Ministérios, Bloco L, sobreloja, sala 100 CEP 70047-900 Caixa Postal 9659 - CEP 70001-970- Brasília/DF 2001b. Disponível: <http://www.mec.gov.br/seed/tvescola>. Acesso em: 26-mar-2022.

GUISAN, Pierre François Georges. **Língua: a ambiguidade do conceito (2009)**. In: SAVEDRA, Mônica Barreto, SALGADO Ana Claudia Peters (orgs). *A Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em /de contato*. Rio de Janeiro: 7 Letras / FAPERJ. 2009

HALL, Stuart. Quem precisa de Identidade? In: **Identidade e Diferença a Perspectiva dos Estudos Culturais**. SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD Hathryn. (Org). Petrópolis-RJ: 15ª ed. Vozes, 2014. P. 103-133.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A Editora, 1ª edição em Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: 11ª edição, 2006. 102 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALLIDAY, Mak; HASAN, Ruqaya. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HAM, Patrícia. **Aspectos da Língua Apinayé**. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1979.

HARMERS, Josiane F.; BLANC, Michel H. A. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: 2nd edition, University Press, 2000.

HOHENTHAL JÚNIOR, W. D. **As tribos indígenas do Médio e Baixo São Francisco**. Rev. do Museu Paulista, São Paulo: Museu Paulista, v. 12, n/s, 1960. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Ahoenthal-1960-tribos/Hoenthal_1960_TribosMedioBaixoSFrancisco.pdf. Acesso em 28 jun.2021

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão 1.0.5a. novembro de 2002.

IANNI, Octávio. Globalização e Transculturação. **Revista de Ciências Humanas 1**. Florianópolis v.14 n. 20 p.139-170. 1996

ISA. Instituto Socioambiental. **Povos Indígenas Brasileiros: Karajá**. 2022. Disponível: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karaj>. Acesso em: 31-mar-2022.

IWGIA. International Work Group for Indigenous Affairs. – **El Mundo Indígena** – (2021). <https://iwgia.org/doclink/iwgia-libro-el-mundo-indigena-2021>. Acesso em: 20-mar-2022.

JULIÃO, Maria Rilolêta Silva. **A Língua dos índios do rio Cairari**. 1993. 139 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém.

KANT, Emmanuel. **Crítica da Razão Prática**. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1986.

_____. **Sobre a Pedagogia**. Tradução de Francisco C. Fontenella. 2 ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1999.

KLEIMAN, Ângela B. **Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, v. 8, n. 3, p. 487-517, set./dez. 2008. Disponível: <http://www.scielo.br>. Acesso: 05-set-2021. 11:15h.

KLEIMAN, Angela B. **Leitura e prática social no desenvolvimento de competências no ensino médio**. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Orgs.). Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 23-36.

KLEIMAN, Angela B. **Modelos de Letramento e as Práticas de Alfabetização na Escola**. In: KLEIMAN, Angela B. (Org). Os Significados do Letramento. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2003.

KENNETH H. Rubin. **Contexto cultural e desenvolvimento social**. PhD Melissa Menzer, BA. University of Maryland, EUA. Janeiro 2010 (Inglês). Tradução: fevereiro 2013. Disponível: <https://www.encyclopedia-crianca.com/cultura/segundo-especialistas/contexto-cultural-e-desenvolvimento-social>. Acesso em: 12-jul-2021.

LABOV, William. Padrões Sociolinguísticos. Tradução: Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.

LEITE, Francinaldo Freitas; **SABERES TRADICIONAIS KRAHÔ: Contribuições para Educação Física Indígena Bilíngue e Intercultural**, 2017. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território – PPGCULT, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, 2017. 177 p. Disponível em:

<https://repositorio.uft.edu.br>. Acesso em 08 nov. 2021.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução: História e Etnologia. In: **Antropologia Estrutural**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

LIMA BARRETO, Evanice Ramos. **Etnolinguística: pressupostos e tarefas**. P@rtes. (São Paulo). Junho de 2010. ISSN 1678-8419. Disponível: <https://www.partes.com.br/2010/07/02/etnolinguistica-pressupostos-e-tarefas>. Acesso em: 14-mai-2022.

LOPES DA SILVA, Aracy e GRUPIONI, Luis Donizeti Benzi. **A Temática Indígena na Escola Novos Subsídios para Professores de 1º. E 2º. Graus**. MEC/MARI; UNESCO, 3, ed., 2000, p. 291-311.

LUCIANO-BANIWA, Gersen dos Santos. **Cenário Contemporâneo da Educação Escolar Indígena no Brasil**. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Brasília, 2007. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/releeicebcnerev.pdf>. Acesso em: 12-abr-2022.

LUCIANO-BANIWA, Gersen dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. 224 p.

MACEDO, Aurinete Silva. **Saberes tradicionais Krahô e educação escolar indígena: um diálogo possível na Escola Indígena 19 de abril**. 2015. 130f. Dissertação (Mestrado em Letras: ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Letras: ensino de Língua e Literatura, Araguaína, 2015.

MACKEY, William Francis. The Description of Bilingualism. In: Li Wei, **The Bilingualism Reader**. London; New York: Routledge, 2000. Disponível: <https://books.google.com>. Acesso: 17 jun. 2021.

MACKEY, William Francis. **Bilingual education and a binational school**. Rowley: Newbury House, 1972.

MAHER, Terezinha Machado. Comissão Pró Acre. Instrumentos metodológicos para levantamento sociolinguístico (atualizado). Thereza Maher (Org.). **Projeto Políticas Linguísticas no Acre Indígena**. CPI/Acre, 2010. Material cedido pela autora via e-mail.

MAHER, Terezinha Machado. Políticas Linguísticas e Políticas de Identidade: Currículo e Representações de Professores Indígenas na Amazônia Ocidental Brasileira. **Currículo sem Fronteiras**, v.10, n.1 pp. 33-48, Jan/Jun 2010a. Disponível on-line: www.curriculosemfronteiras.org. Acesso: 12-mar-2022. 12:14h.

MAHER, Terezinha Machado. **Em Busca de Conforto Linguístico e Metodológico no Acre Indígena**. Trab. Linguist apl. vol. 47 n. 2 Campinas July/Dec. 2008. Disponível on line: <http://www.scielo.br/scielo.php>.

MAHER, Terezinha Machado. **Do casulo ao movimento**: A suspensão das certezas na educação Bilíngue e Intercultural. In: CAVALCANTI, M. e BERTONI-RICARDI, S. M. Transculturalidade, Linguagem e Educação. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2007.

MAHER, Terezinha Machado. **A criança indígena**: do falar materno ao falar emprestado. IN: FARIA, A.L.G. e MELLO, S. (Org.). O mundo da escrita no universo da pequena infância. Campinas: Autores Associados, 2005. pp. 75-108.

MAHER, Terezinha Machado. Sendo índio em português. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas-SP: Mercado das Letras, 1998.

MAHER, Terezinha Machado. **O Ensino de Língua Portuguesa nas Escolas Indígenas**. Em Aberto, Brasília, ano 14, n. 63, jul./set. 1994. Disponível: www.rbep.inep.gov.br.

MALINOWSKI, Bronislaw K. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 329. Tradução: Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Universidade de São Paulo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004. Disponível: <https://www.revistas.usp.br/ep/issue/view/2125>. Acesso em: 27-jul-2021.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. Estudos etnográficos da educação: uma revisão de tendências no Brasil. In: MATTOS, CLG., CASTRO, PA., (Orgs). **Etnografia e educação**: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Autores. 298 p. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 27-jul-2021.

MATOS, Solange Cavalcante; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ARAUJO, Marcilene de Assis Alves. **RELAÇÕES INTERCULTURAIS E SEUS REFLEXOS NA LÍNGUA E NO MODO DE VIDA DO POVO JAVAÉ**. Diálogos Etnossociolinguísticos. 1ed.Campinas: Pontes Editores, 2020, v. 1, p. 187-210.

MEGALE, Antonieta Heyden. Bilinguismo e Educação Bilíngue – discutindo conceitos. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. V. 3, n. 5. agosto de 2005. Disponível: www.revel.inf.br. Acesso: 05-mar-22.

MELATTI, Júlio César. **Índios do Brasil**. 7 ed. Editora da Universidade de Brasília, Brasília, 1993

MELATTI, Júlio Cezar. **Quatro séculos de política indigenista**: de Nóbrega a Rondon. Revista de atualidade Indígena. Brasília, v.1, n. 3, p. 39-45. 1977.

MELATTI, Julio César. **O Sistema de Parentesco dos Índios Krahô**. Série Antropologia. Departamento de Antropologia. Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília, Brasília, 1973.

MELATTI, Júlio César. **O Messianismo Krahó**. São Paulo: Herder, 1972.

MELATTI, Júlio César. **Índios do Brasil**. Brasília: Coordenada, 1970.

MELO, Jorge Henrique Teotonio de Lima. **Kàjré: a vida social de uma machadinha krahô**. 2010. 155 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/12264>. Acesso em 20 maio 2021.

MELO, Valéria Moreira Coelho. **Diversidade, Meio Ambiente e Educação: uma reflexão a partir da sociedade Xerente** / Valéria Moreira Coelho de Melo – Palmas, 2010. 112 f. Disponível: http://www.uft.edu.br/neai/file/diss_valeria.pdf. Acesso em: 27-mar-2022.

MENDES, Jackeline Rodrigues. Aspectos da construção das práticas de numeramento-letramento na formação de Professores Indígenas. In: CAVALCANTI, M. e BERTONI-RICARDI, S. M. **Transculturalidade, Linguagem e Educação**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2007.

MIRANDA, Maxwell; BORGES, Miranda Águeda Aparecida da Cruz; SANTANA, Áurea Cavalcante; SOUSA, Suseile Andrade. (Organizadores) **Línguas e culturas Macro-Jê**. Barra do Garças, MT: GEDELLI/UFMT, 2020. 444p. : v. 9 ISBN 978-65-00-02975-8. Disponível em: <http://araguaia2.ufmt.br/ebook/ebook1.pdf>. Acesso em 27-mar-2022.

MONSERRAT, Ruth Maria Fonini. **Política e Planejamento Lingüístico nas Sociedades Indígenas do Brasil Hoje: O Espaço e o Futuro das Línguas Indígenas**. In: Formação de Professores Indígenas: Repensando Trajetórias / Org. GRUPIONI, Luís Donisete Benzi Grupioni. Alfabetização e Diversidade, 2006.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MOURA, Ana Aparecida Vieira de. **Sociolinguística e seu lugar nos letramentos acadêmicos de professores do campo**. 2015. 270 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível: www.unb.br. Acesso: 02-abr-2022. 12:51h.

MUÑOZ, Hector. **Questionário (Manuscrito)**. Campinas, 1991.

MUNIZ, Simara de Sousa. **Educação escolar indígena no estado do Tocantins: uma trajetória histórica do curso de capacitação ao curso de formação do magistério indígena**. 2017. 144f. Dissertação (Mestrado em Letras: ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Letras: ensino de Língua e Literatura, Araguaína, 2017. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/919>. Acesso em: 18/mai/2021

NIMUENDAJÚ, Curt. **A Corrida de Toras dos Timbira**. MANA 7(2):151-194, 2001. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/fVJxRv5RG7yHZnDPZcVGqxD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 15 de mai. 2022.

NIMUENDAJU, Curt. **Os Apinayé**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1983.

OLIVEIRA JÚNIOR, Elvio Juanito Marques de; DEMARCHI, André. **Pankararu do Tocantins: história, lutas e identidades de um povo esquecido e sem-terra. Espaço Ameríndio.** Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 309-325, jan./jul. 2020.

OLIVEIRA, Sinval de. **O saber/fazer/ser e conviver dos educadores indígenas Apinayé: algumas reflexões no campo da Teoria da Complexidade e da Etnomatemática.** Tese de doutorado. UNESP. Disponível: www.repositorio.unesp.br. Acesso: 10-mar-2022. 12:40h.

PASSOS, Aruanã Antonio dos. **História e Historicidade em Hannah Arendt.** Revista de Teoria da História Ano 6, Número 12, Dez/2014 Universidade Federal de Goiás ISSN: 2175-5892. Disponível: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/33446/17708>. Acesso em: 23-mar-2022.

PIN, André Egidio. **História do povo Javaé (Iny) e sua relação com as políticas indigenistas: [manuscrito] da colonização ao Estado brasileiro (1775- 1960).** / André Egidio Pin. - 2014. Disponível: <https://repositorio.bc.ufg.br>. Acesso em: 27-mar-2022.

PORTO EDITORA. **Historicidade no Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa** [em linha]. Porto: Porto Editora. 2022. [consult. 2022-03-23 19:12:37]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/historicidade>.

PORTO EDITORA. **História no Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa** [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2022-03-23 19:16:49]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/historia>.

RIBEIRO, Lucas Mello Carvalho; LUCERO, Ariana; GONTIJO, Eduardo Dias. **O ethos homérico, a cultura da vergonha e a cultura da culpa.** Psychê — Ano XII — nº 22 — São Paulo — jan-jun/2008 — p. 125-138. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/307/30711292010.pdf>. Acesso em 18 de mar.2021.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a Civilização.** São Paulo: Editora Global, 2017.

RIBEIRO, Darcy. **Índios do Brasil 1** / Secretaria de Educação a Distância, Secretaria de Educação Fundamental. - Reimpressão. Brasília MEC, SEED SEF, 2001. Disponível: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-76384/indios-no-brasil-1-colecao-cadernos-da-tv-escola>. Acesso em: 26-mar-2022.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas indígenas brasileiras.** Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. 29p. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/lali/PDF/L%C3%ADnguas_indigenas_brasiliras_RODRIGUES,Aryon_Dall%C2%B4Igna.pdf>. Acesso em: 26 de ago. de 2021.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Biodiversidade e Diversidade Etnolinguística na Amazônia.** In: SIMÕES, Maria do Socorro. (Org.). Cultura e biodiversidade entre o rio e a floresta. 1ª ed. Belém: Universidade Federal do Pará, 2001, v. 1, p. 269-278.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas.** São Paulo: Ed. Loyola, 2002, p. 17-37.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara (Org.). **Estudos sobre Línguas Indígenas**. Belém: UFPA, 2001.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 128 p.

ROMAINE, Suzanne. **The Impact of Language Policy on Endangered Languages. International Journal on Multicultural Societies**. Vol. 4, No. 2 ISSN 1564-4901 © UNESCO, 2002. Disponível: <http://www.unesco.org/most/vl4n2romaine.pdf>. Acesso: 05-mar.2022

ROMAINE, Suzanne. **Bilingualism**. London: Blackwell, 1989.

ROMAINE, Suzanne. Bilingualism. London: Blackwell, 1989. J. (Ed.). **Language Processing in Bilinguals**. Hillsdale: Erlbaum, 1986. Weinreich, U. Languages in Contact. The Hague: Mouton, 1968.

ROSA, Milton.; OREY, Daniel Clark. **O campo de pesquisa em etnomodelagem: as abordagens êmica, ética e dialética**. Universidade Federal de Ouro Preto. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 38, n. 04, p. 865-879, out./dez. 2012. Disponível: <https://www.scielo.br/j/ep/a/vBd7FrRfsd7fFTpW9NLNpCk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10-mai-2021.

SEDUC-PA – Secretaria Executiva de Educação do Estado do Pará/Programa Raízes “**Descobrimos os Anambé**”. SEDUC. Belém do Pará, 2005.

SILVA, Paulo Hernandes Gonçalves. ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. **O Matrimônio Indígena: Uma Análise das Narrativas Apinayé e Suas Implicações Sociolinguísticas**. JNT - Facit Business and Technology Journal. ISSN 2526-4281. 2020. Outubro - Ed. 19 Vol. 2. Págs. 168-185. Disponível: <http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT/article/view/827/597>. Acesso em: 21-mar-2022.

SOARES, Magda Beker. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, n.25, jan.-abr./2004. Disponível: www.scielo.br. Acesso: 05-jan-2022. 11:24h.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 128 p.

SOUSA, Luismar Gomes; ALMEIDA, Severina Alves de (Sissi); ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. As Práticas Pedagógicas do Professor de Ciências e Biologia das Escolas Karajá-Xambioá: **Educação Escolar Indígena e Diversidade Cultural: Perspectivas Transdisciplinares**. Francisco Edviges Albuquerque, Severina Alves de Almeida, organizadores. – Goiânia: Ed. América, 2012. 369 p. Págs. 240-270.

SOUSA, Rosineide Magalhães. Socioletramento: Oralidade, Leitura E Ressignificação Na Licenciatura Em Educação Do Campo. Caderno de Resumos do Congresso de Leitura do Brasil, [S.l.], v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: <https://nasnuv.com/ojs2/index.php/resumoscole/article/view/334>. Acesso em: 5 jan. 2022.

Trabalho de Pesquisa de Pós-Doutorado Coordenação e Supervisão: Profa. Dra. Angela Kleiman (UNICAMP). 2020.

SOUSA, Rosineide Magalhães de. **Gênero Discursivo Mediacional: Uma Pesquisa Na Perspectiva Etnográfica.** Universidade de Brasília, 2006, 257p. Tese (Doutorado em Linguística). Disponível: www.unb.br. Acesso: 17-ago-2021

SOUSA, Rosineide Magalhães de. **Letramento (s) na Licenciatura em Educação do Campo: da realidade do campo à universidade.** 2020. Linha Mestra, n.42, p.3-8, set.dez.2020. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/398>. Acesso em 19 jun.2021

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação / Brian V. Street; tradução Marcos Bagno.** - 1. ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 240 p.

STREET, Brian. **Literacy and orality as ideological constructions: some problems in crosscultural studies.** Culture and History, 2. 1985.

STREET, Brian. **Literacy in theory and practice.** Cambridge: Cambridge University Press. 1984.

TITONE, Renzo. **Bilinguismo Precoce e Educazione Bilíngue.** Bazzichi Oreste: Armando Editore, 1993, 2ª ed. 456 p.

TITONE, Renzo. Considerazioni sui programmi di « immersione bilíngue » nelle scuole di diverso grado l'esperienza del canada. **Education et Sociétés Plurilingues nº 2.** Juillet 1997. Disponível: www.cebip.com. Acesso: 19-fev-22.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa - ação.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

TORRES, Carina Alves; COSTA, Miguel Oliveira. **Povo indígena Apinajé: ritual da tora grande (párkaper).** Revista Articulando e construindo saberes, 2020, v.5: e60382. DOI:10.5216/racs.v5.60362. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/racs/article/view/60382>. Acesso em 15 de mai. 2022.

THOMAS, Jim. **Doing critical ethnography.** Sage Production Editor: Tara S. Mead. 1993.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa.** 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VIANNA, Selma. De quem é a competência para julgamento de crime comum cometido por índio?, 2008. Disponível em: <https://lfg.jusbrasil.com.br/noticias/112095/de-quem-e-a-competencia-para-julgamento-de-crime-comum-cometido-por-indio-selma-vianna>. Acesso em 15 de mai. 2022.

VIÉGAS, Lygia de Sousa. **Reflexões sobre a pesquisa etnográfica em psicologia e educação.** Revista Diálogos possíveis: revista da Faculdade Social da Bahia. Ano 6, n. 1 (jan./jun.2007). Salvador: FSBA, 2007. p. 102-123. Disponível em <<http://www.faculdadesocial.edu.br/0/09.pdf>. Acesso em 15 de mai. 2022.

YAHÉ KRAHÔ; Renato; **PROPOSTA DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA 19 DE ABRIL. 2017.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura – PPGL, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus Universitário de Araguaína. 110p. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/930>. Acesso em 21 mar.2021.

ANEXO**Anexo A - Questionário de proficiência e uso da língua****I - INFORMAÇÃO PESSOAL**

01 - Nome:

02 - Data:

03 - Local:

04 - Sexo: M () F ()

05 - Idade: 8-12 () 13-18() 19-39() 40 ou mais ()

II - FACILIDADE LÍNGUÍSTICA EM LÍNGUA ANAMBÉ

06 - Você pode entender uma conversação em Anambé?

Sim () Um Pouco() Não()

07 - Você fala Anambé?

Sim () Um Pouco () Não ()

08 - Você pode ler em Anambé?

Sim () Um Pouco () Não ()

09 - Você pode escrever em Anambé?

Sim () Um Pouco () Não ()

III - FACILIDADE LINGUÍSTICA EM LÍNGUA PORTUGUESA

10 - Você pode entender uma conversação em Português?

Sim () Um Pouco () Não ()

11 - Você fala Português?

Sim () Um Pouco () Não ()

12- Você pode ler em Português?

Sim () Um Pouco () Não ()

13 – Você pode escrever em Português?

Sim () Um Pouco () Não ()

14 - Qual é a língua mais fácil de aprender? Por quê?

Sim () Um Pouco () Não ()

IV - USO DA LÍNGUA DE ACORDO COM OS DOMÍNIOS SOCIAIS

15 - Qual a primeira língua que você aprendeu quando criança?

Anambé () Português () Ambas ()

16 - Que língua você usa mais frequentemente em casa para falar com adultos?

Anambé () Português () Ambas ()

17 - Que língua você fala mais confortavelmente?

Anambé () Português () Ambas ()

18 - Que língua você usa mais frequentemente em casa para falar com as crianças?

Anambé () Português () Ambas ()

19 - Que língua você usa mais frequentemente em casa para escrever?

Anambé () Português () Ambas ()

20 - Que língua você usa no trabalho para falar com seus colegas?

Anambé () Português () Ambas ()

21 - Que língua você fala com pessoas da mesma idade na vizinhança?

Anambé () Português () Ambas ()

22 - Qual é a língua das preces?

Anambé () Português () Ambas ()

23 - Que língua você usa no trabalho para falar com seu chefe?

Anambé () Português () Ambas ()

24 - Que língua você usa durante uma cerimônia de sua tribo?

Anambé () Português () Ambas ()

25 - Que língua você usa quando reza na igreja?

Anambé () Português () Ambas ()

26 - Que língua as crianças falam mais frequentemente?

Anambé () Português () Ambas ()

27 - Que língua os mais velhos falam mais frequentemente?

Anambé () Português () Ambas ()

28 - Que língua você usa frequentemente para troca de bens?

Anambé () Português () Ambas ()

29 - Que língua você acha mais bonita? Por quê?

Anambé () Português () Ambas ()

30 - Que língua você usa quando está bravo?

Anambé () Português () Ambas ()

31 - É melhor para uma pessoa falar Anambé, Português ou ambas?

Anambé () Português () Ambas ()

32 - Que língua deve ser ensinada na escola?

Anambé () Português () Ambas ()

33 - Qual é a língua mais importante?

Anambé () Português () Ambas ()

34 - Que língua você prefere para ler?

Anambé () Português () Ambas ()

35 - Que língua você prefere para escrever?

Anambé () Português () Ambas ()

V - LEVANTAMENTO FORMAL DA RECEPTIVIDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA (L2)

36 - Qual é a língua que você costuma falar mais com pessoas de outras aldeias?

Anambé () Português () Ambas ()

37 - Qual a língua que você costuma falar mais quando vai ao posto de saúde?

Anambé () Português () Ambas ()